

MÔNICA MONKEN VELLOSO

UM ESTUDO DA IDIOMATIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO MODAL COM O VERBO
DAR NO PORTUGUÊS DO BRASIL

JUIZ DE FORA
2007

MÔNICA MONKEN VELLOSO

UM ESTUDO DA IDIOMATIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO MODAL COM O VERBO
DAR NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão.

Juiz de Fora
2007

MÔNICA MONKEN VELLOSO

UM ESTUDO DA IDIOMATIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO MODAL COM O VERBO
DAR NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção
do título de Mestre em Linguística e aprovada pela
seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão – Orientadora – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Heliana Ribeiro de Mello – Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Marta Cristina da Silva – Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora
2007

Dedico este esforço aos meus familiares e amigos sinceros, que me amam por minhas poucas virtudes e muito toleram meus defeitos, em especial, ao meu esposo Tide, mamãe, Mariinha, Tia Helô, Maria, Isa e Simão, Tio Ney e Tia Regina. Também àquele que me ensinou a confiar nessas poucas virtudes: papai, com saudade.

Procura e acharás, trabalha e produzirás; dessa maneira, serás o filho das suas obras, delas terás o mérito e serás recompensado segundo o que tiveres feito.

Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap.XXV Par.3

RESUMO

O presente estudo tem como objeto a Construção Modal com o Verbo dar, que pode ser observada em: “eles vão tirar o tumor que tá pressionando o coração, daí vai dar pra ler seu nome escrito lá”. Pretende-se investigar como o processo de gramaticalização desta Construção vem se desenvolvendo no Português do Brasil. Toma-se aqui um *fio de Ariadne* trançado a partir das concepções de linguagem, cognição, gramática e uso fornecidos pela Lingüística Cognitiva, pela Gramática das Construções e pelos Modelos de Linguagem Baseados no Uso. A investigação é feita através de análise de freqüências da língua em uso: dados de interação oral e escrita (*on-line* via Internet); além desta análise, foram coletadas variadas ocorrências em gêneros textuais diversos. O estudo demonstra ser, a Construção Modal com dar, uma nova construção, por sua presença minoritária entre as modais encontradas e por ser ainda rara em gêneros textuais não-oralizados. Além disso, aponta para a predominância de usos da Modalidade de Raiz sobre as outras categorias modais. Foi possível também demonstrar as fases do processo de gramaticalização/idiomatização da Modal com dar, que demonstrou ser uma Construção em processo de idiomatização.

Palavras-chave: Modalidade, Gramaticalização, Lingüística Cognitiva, Gramática das Construções.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the process of grammaticalization of the Modal Construction with the verb dar (to give) in Brazilian Portuguese: “they will remove the tumor that is pressuring the heart, and it will give to read (it will be possible to read) your name written there”. Following the *Ariadne’s thread* braided from the conceptions of language, cognition, grammar and use provided for Cognitive Linguistics, the Construction Grammar and the Usage Based Models of Language, we conducted a study of frequencies over data of the language in use: speech data and written data from interactions *on-line* via Internet and we also collected samples from different discourse data. The study demonstrates that the modal construction with dar (to give) is a new construction, for the minority occurrence of such modal construction especially in written discourse. Moreover, the survey shows that the Root Modality is predominant. It was also possible to follow the paths of the ongoing construction’s grammaticalization process.

Key-words: Modality, Grammaticalization, Cognitive Linguistics, Construction Grammar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig.1: Esquemas baseados em itens	30
Fig.2: A Construção de Movimento Causado	34
Fig.3: A Construção de Transferência de Posse	57
Fig.4: A Construção de Habilitação com o Verbo DAR	60
Fig.5: A rede construcional da Construção Modal com o Verbo DAR	62
Fig.6: Frequência de Ocorrências de Orações Modais em Conversas no <i>MSN Messenger</i>	70
Fig.7: Frequência de Ocorrências por Tipo de Modalidade nas Orações Modais em Conversas no <i>MSN Messenger</i>	70
Fig.8: Frequência de Ocorrências de Orações Modais em Entrevistas do PEUL-UFRJ	72
Fig.9: Frequência de Ocorrências por Tipo de Modalidade nas Orações Modais em Entrevistas do PEUL-UFRJ	72
Fig.10: Frequência de Ocorrências de Orações Modais no <i>Corpus</i> Analisado	74
Fig.11: Frequência de Ocorrências por Tipo de Modalidade nas Orações Modais no <i>Corpus</i> Analisado	74

LISTA DE TABELAS

Tab.1: Frequência de Ocorrências de Orações Modais em Conversas no <i>MSN Messenger</i>	69
Tab.2: Frequência de Ocorrências de Orações Modais em Entrevistas do PEUL-UFRJ	71
Tab.3: Frequência de Ocorrências de Orações Modais no <i>Corpus</i> Analisado	73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. LINGÜÍSTICA COGNITIVA, GRAMÁTICA E GRAMATICALIZAÇÃO	13
2.1. Os fundamentos materiais da linguagem: o corpo e o uso	13
2.2. A gramática como Gramática das Construções	31
2.3. A emergência das Construções gramaticais	36
3. A CATEGORIA LINGÜÍSTICA DA MODALIDADE E SUA EXPRESSÃO GRAMATICAL	42
3.1. A Modalidade como categoria lingüística	42
3.2. A concepção de Modalidade na Lingüística Cognitiva	48
3.3. A construção Modal com <u>dar</u> no Português do Brasil	55
4. A IDIOMATIZAÇÃO DA MODAL COM <u>DAR</u> NO PORTUGUÊS DO BRASIL	64
4.1. Quadro hipotético	64
4.2. <i>Corpora</i> e metodologia	65
4.3. Análise de frequências dos padrões da Construção Modal	69
5. CONCLUSÕES	79
BIBLIOGRAFIA	81
ANEXO A – OCORRÊNCIAS E RESPECTIVAS REFERÊNCIAS	85
ANEXO B – OCORRÊNCIA DE IDIOMATIZAÇÃO	92
ANEXO C – OCORRÊNCIAS EM JORNAL <i>ON LINE</i>	93

1. INTRODUÇÃO

“Eles vão tirar o tumor que tá pressionando o coração, daí vai dar pra ler seu nome escrito lá” – o uso Modal do verbo dar, que pode ser observado nesta sentença, é o objeto deste estudo. Pretende-se explorá-lo sob as lentes da Linguística Cognitiva e da Gramática das Construções e à luz dos Modelos de Linguagem Baseados no Uso.

O problema sobre o qual se debruça esta dissertação é o processo da emergência da Construção Modal com o verbo dar, ou seja, procura-se investigar **como o processo de gramaticalização/idiomatização desta Construção vem se desenvolvendo no Português do Brasil**. Tal investigação é relevante não apenas pelo ineditismo do tratamento dado à Construção (levantamento de frequências e quantificação das variedades de uso), mas também por demonstrar o caráter dinâmico e emergente da gramática ao procurar elucidar, a partir de dados do uso e da análise de frequências, como ocorre a emergência de uma nova construção gramatical.

O objeto desta pesquisa pôde ser encontrado em *corpora* diversificado, constituindo um apanhado de diferentes gêneros textuais. Lançando mão desta diversidade de fontes, ao longo dos capítulos de exposição teórica deste trabalho foram utilizados, sempre que possível, exemplos retirados desse amplo *corpora*, cujas referências e formas de indexação poderão ser encontradas no item 4.2. Os resultados obtidos nos permitem concluir que se trata de uma Construção nova, em processo de gramaticalização/idiomatização, cuja emergência se dá a partir dos usos Modais mais básicos – Modalidade de Raiz – até os usos Epistêmicos.

Quanto à organização dos capítulos, inicia-se pela demonstração das concepções norteadoras da análise aqui proposta. Para tanto, apresentam-se, sucintamente, no capítulo segundo: as coordenadas traçadas pela Lingüística Cognitiva sobre capacidades cognitivas e linguagem (Lakoff & Johnson 1999; Lakoff 1987; Fillmore 1979; e Salomão 1997, 1999); a centralidade do uso no processo de gênese gramatical e de significação (Barlow & Kemmer 2000; Tomasello 2003); a concepção de uma Gramática de Construções como proposta por Goldberg 1995 e o fenômeno de gramaticalização como descrito em Hopper & Traugott 2003.

O capítulo terceiro dedica-se à categoria lingüística da Modalidade. Nele, apresentamos a categorização das modalidades epistêmica, deôntica e dinâmica proposta por Palmer 1986, e a concepção da Modalidade na Lingüística Cognitiva encontrada nos trabalhos de Talmy 2000[1988] sobre dinâmica de forças e de Sweetser 1990 sobre mudanças semânticas, gramaticalização e modalidade. Também neste capítulo, detalha-se o objeto do presente estudo. Assim, procura-se, dentro da rede polissêmica do verbo dar proposta por Salomão 1990, o emprego modal de tal verbo e segue-se, então, a explorar as propostas da autora sobre tal construção; propostas estas profundamente modificadas em seu estudo mais recente (Salomão 2007).

Dedica-se, o quarto capítulo, à apresentação das hipóteses norteadoras desta pesquisa e à sua verificação. Também, neste capítulo, explicamos a metodologia para coleta e análise dos dados de uso. Finalmente, o capítulo quinto resume as conclusões deste estudo.

2. LINGÜÍSTICA COGNITIVA, GRAMÁTICA E GRAMATICALIZAÇÃO

2.1. Os fundamentos materiais da linguagem: o corpo e o uso

A abordagem analítica adotada neste estudo segue o fio condutor da teoria lingüística conhecida como Lingüística Cognitiva, originalmente praticada na Califórnia (EUA), há mais de três décadas, que atualmente encontra estudiosos em várias partes do mundo. Torna-se necessário, então, identificar as idéias centrais desse rico campo de estudos que nos conduzem a pensar numa concepção construcional da gramática e na abordagem cognitiva do processo de gramaticalização/idiomatização:

- (i) **a linguagem explica-se a partir de capacidades cognitivas gerais, não especificamente lingüísticas;**
- (ii) **o idiomatismo é uma dimensão definidora das línguas humanas;**
- (iii) **o uso lingüístico desempenha papel constitutivo na explicação do significado e da gramática, e da aprendizagem da linguagem.**

Uma abordagem unitária das capacidades cognitivas e da linguagem permeia todo o trabalho de Lakoff & Johnson 1999 em *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*.

Segundo os autores (p. 3-4), as três principais hipóteses das Ciências Cognitivas de nosso século são: “*The mind is inherently embodied. Thought is most unconscious. Abstract*

*concepts are largely metaphorical*¹”. Baseando-se nisso, os autores defendem uma nova abordagem para a cognição humana, considerada além da capacidade de operar o raciocínio lógico e consciente.

Ciências contemporâneas (como as neurociências, a psicologia, a lingüística e a antropologia) demonstram que a consciência é uma dimensão mínima da cognição humana e não deve ser tomada como sua principal manifestação. Pelo contrário, é possível afirmar que a cognição é principalmente inconsciente, altamente figurativa e influenciada pelas emoções. É corporificada na medida em que é moldada a partir das características físicas de nosso corpo, da estrutura neural de nosso cérebro e também a partir das relações que tais especificidades estabelecem com o mundo físico real num processo largamente interativo. Outro ponto defendido pelos autores é que a cognição humana emerge no curso da evolução natural e não constitui elemento que nos distinga substancialmente dos animais: antes, os estudos contemporâneos nos colocam contínuos a eles, de tal modo que as condições cognitivas gerais são concebidas evolutivamente e universalmente compartilhadas pela espécie humana, embora modeladas pelas variações socioculturais características de cada sociedade específica.

O que afirmamos no presente estudo é que, **uma vez que tais concepções sejam adotadas para a capacidade cognitiva humana, elas também o serão para a linguagem humana, pois esta não é um domínio cognitivo isolado. Portanto, a linguagem é também objeto de determinações neurais e o seu estudo a revela como amplamente constituída através de processos imaginativos (metafóricos e metonímicos).**

Afastam-se, assim, as concepções estruturalistas e pós-estruturalistas de linguagem como repertório sistemático de signos arbitrários de significados relativos, explicáveis

¹ A mente é inerentemente corporificada. O pensamento é predominantemente inconsciente. Conceitos abstratos são amplamente metafóricos. (As traduções trazidas nas notas de rodapé são de autoria e responsabilidade da autora deste trabalho).

unicamente por contingências históricas, sem relação com o corpo e a mente (cf. Lakoff & Johnson 1999: 463-466).

Igualmente, refutam-se as noções chomskianas, herdeiras desta concepção estruturalista, manifestas através do postulado do sintatocentrismo (cf. Jackendoff 2002: 107-111). Em seu lugar, surge uma concepção de linguagem determinada pelas suas bases materiais: o cérebro, o corpo, a interação física e social, e a herança cultural. Nas palavras de Lakoff & Johnson 1999:

The mind is not merely embodied, but embodied in such a way that our conceptual systems draw largely upon the commonalities of our bodies and of the environment we live in. The result is that much of a person's conceptual system is either universal or widespread across languages and cultures. Our conceptual systems are not totally relative and no merely a matter of historical contingency, even though a degree of conceptual relativity does exist and even though historical contingency does matter a great deal. (...) Because our conceptual systems grow out of our bodies, meaning is grounded in and through our bodies. (...) Once we understand the importance of the cognitive unconscious, the embodiment of mind, and metaphorical thought, we can never go back to priori philosophizing about mind and language (...) that are inconsistent with what we are learning about the mind.²(Lakoff & Johnson 1999: 6-7)

A linguagem é considerada, então, como um domínio cognitivo que compartilha com outros domínios seus princípios organizacionais. O estudo da linguagem passa a desenvolver-se em conjunto com as demais Ciências Cognitivas, uma vez que se trata a linguagem como pista que ativa os diferentes domínios do conhecimento.

Segundo Lakoff (1987: 58):

Language makes use of our general cognitive apparatus. If this claim is correct, two things follow: (1) Linguistic categories should be of the same type as other categories in our conceptual system. In particular, they should show prototype and basic-level effects. (2) Evidence about the nature of linguistic categories should contribute to a general understanding of cognitive categories in general. Because language has such a

² A mente não é meramente corporificada, mas corporificada de tal forma que nossos sistemas conceituais se configuram largamente pelos aspectos comuns de nossos corpos e do ambiente em que vivemos. O resultado é que a maior parte do sistema conceitual de um indivíduo é também universal ou amplamente espalhado pelas línguas e culturas. Nossos sistemas conceituais não são totalmente relativos, nem meramente uma questão de contingências históricas, apesar de existir um certo grau de relativização conceitual e das contingências históricas terem um papel importante. (...) Já que nosso sistema conceitual emerge de nossos corpos, o significado é baseado em e através de nossos corpos. (...) Uma vez que compreendemos a importância do inconsciente cognitivo, da corporificação da mente e do pensamento metafórico, nós jamais poderemos retornar às filosofias anteriores sobre a mente e a linguagem (...) que são inconsistentes com o que nós estamos aprendendo sobre a mente.

rich category structure and because linguistic evidence is so abundant, the study of linguistic categorization should be one of the prime sources of evidence for the nature of category structure in general³.

Os domínios conceptuais e as categorias envolvidas no processo cognitivo são originados de experiências concretas e reais de indivíduos que interagem entre si e com o mundo; assim, o conhecimento lingüístico é parte de um sistema conceptual amplo e integrado que inclui a memória, a percepção, as experiências corporais e sócio-culturais. O processo de construção de significado é considerado como resultado de um conjunto de ações cognitivas complexas e em grande parte inconsciente, que é ativado pela forma lingüística, mas não somente por ela:

Mas nosso sistema conceptual não é algo do qual normalmente temos consciência. Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam apreender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem. Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema. (Lakoff & Johnson 2002, [1980]: 46, grifo meu).

Cabe aqui um exemplo bastante simplificado das operações cognitivas na linguagem:

(1) *Como anda a sua dissertação?* (MSN-m32s/m26s).

Notemos que o verbo *andar*, que remete à experiência corporal espacial de deslocar-se com as próprias pernas, é projetado metaforicamente na experiência de produção de atividade intelectual. Os falantes, geralmente de modo inconsciente, projetam a pequena cena espacial-temporal “caminhar na direção de um alvo/lugar físico” em “progresso de um trabalho intelectual que deve chegar a uma conclusão”. Assim, “o caminhante” torna-se “a dissertação”, o “deslocamento” torna-se “o desenvolvimento intelectual da dissertação”, “a

³A linguagem faz uso de nosso aparato cognitivo geral. Se essa afirmativa é correta, duas coisas se concluem: (1) Categorias lingüísticas devem ser do mesmo tipo das outras categorias em nosso sistema conceptual. Em particular, elas devem apresentar efeitos prototípicos e efeitos de nível básico; (2) Evidências sobre a natureza das categorias lingüísticas devem contribuir para um entendimento geral das categorias cognitivas em geral. Por ter a linguagem uma estrutura categorial tão

força mecânica que vence a inércia e permite o deslocamento” torna-se “a ação de um agente/mestrando” e o “alvo/lugar físico” torna-se “a conclusão da dissertação”. Dessa forma, num enunciado bastante simples em sua estrutura lingüística, percebemos a complexidade de ações cognitivas integradas resultantes de processos metafóricos e da experiência física corporal.

Assim, a presente abordagem faz justiça à vasta criatividade da mente humana. Como já destacaram Lakoff & Johnson: “É como se a habilidade de compreender a experiência por meio da metáfora fosse um dos cinco sentidos, (...) o que quer dizer que nós só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas” (2000 [1980]: 358). Logo, se a nossa compreensão do mundo é metafórica, não há como tratar a metáfora como uma exceção na linguagem, como um uso especial, freqüente em discursos “especiais” (poético, publicitário, político). O trabalho dos autores demonstra que um discurso dedicado, por definição, à elucidação da verdade, o discurso científico é constitutivamente metafórico. E, de fato, assim precisa ser para que seja adequadamente criativo.

Em consonância ao compromisso abraçado pela lingüística cognitiva de absorver o fenômeno lingüístico na sua plenitude ampliando progressivamente seu escopo analítico, que excede o limitado espaço do “sentido literal” como o objeto da semântica; refutamos a concepção da centralidade do literal. Um texto chave nessa mudança é o artigo de Fillmore 1979, *Innocence: a second idealization for linguistics*, no qual são discutidas as limitações impostas pela tradição gerativista de trabalhar com a hipótese de um **falante/ouvinte ideal membro de uma comunidade lingüística homogênea** (Chomsky 1965: 38 *apud* Fillmore 1979: 1).

Não há como negar a produtividade analítica desta abstração, que tem gerado inúmeros casos de descrições sistemáticas da sintaxe das línguas do mundo. Contudo, como

rica e por serem tão abundantes as evidências lingüísticas, o estudo da categorização lingüística deve ser uma das principais fontes de evidências sobre a estrutura categorial em geral.

destaca Fillmore (1979: 1), a necessidade de criar essa idealização fez com que a teoria gerativista ignorasse os dados de fala “heterogêneos e desordenados”, quais sejam: as variações lingüísticas entre falantes nativos; as diferenças de produção da fala resultantes de falhas de memória, ou do grau de atenção dado pelo falante ao próprio discurso, as interferências do mundo exterior e, principalmente, o próprio grau de idiossincrasia perceptível no “sistema”.

O objetivo principal do artigo é destacar e trazer à discussão a segunda idealização que permeia as descrições da linguagem: o **falante/ouvinte inocente**; uma figura que conhece perfeitamente bem os itens lexicais da língua e também seu significado, que domina as regras sintáticas para a combinação desses itens e escolhe, dentre as combinações possíveis, aquela que será decodificada por seu interlocutor da maneira que ele deseja. Nessa idealização, não há lugar para inferências, ambigüidades, sinonímias, homonímias ou imprecisões. Trata-se de uma semântica composicional, segundo a qual o significado da sentença resulta da soma dos significados das partes de acordo com as regras de composição permitidas pela sintaxe da língua, ou seja, o falante seleciona itens de seu léxico e os relaciona pelas regras da gramática.

As a decoder, or hearer, the innocent language user calculates the meaning of each sentence from what it knows about the sentence's parts and their organization. It makes no use of past calculations: each time a structure or sentence reappears, it is calculated anew. As an encoder, or speaker, the innocent language user decides what it wishes its interlocutors to do or feel or believe and constructs a message which expresses that decision as directly as possible. There are no layers of inference between what it says and what it means. The innocent speaker/hearer is in principle capable of saying anything sayable, given enough time.⁴ (Fillmore 1979: 2)

⁴ Como um decodificador, ou ouvinte, o usuário inocente da linguagem calcula o significado de cada sentença a partir do seu conhecimento de cada parte da sentença e de sua organização. Ele não se utiliza de cálculos anteriores: cada vez que uma sentença reaparece é novamente calculada. Como um codificador, ou falante, o usuário inocente da linguagem decide o que quer que seu interlocutor faça ou sinta ou acredite e constrói uma mensagem que expresse tal decisão da forma mais direta possível. Não há níveis de inferência entre o que é dito e o significado. O falante/ouvinte inocente é, a princípio, capaz de dizer qualquer coisa dizível, se lhe for dado tempo suficiente.

Assim, a idealização de uma semântica composicional desconsidera o que tem sido percebido como essencial à linguagem: seu caráter criativo, metafórico, corporificado e, principalmente parte integrante dos processos cognitivos como um todo. Outro ponto a destacar é que não há espaço, em tal idealização, para o aspecto essencialmente imaginativo da linguagem, que, em grande parte, depende de convenções locais – as idiomatizações..

Segundo Fillmore (1979: 3-5), o **falante/ouvinte inocente** apresenta limitações, como a impossibilidade de decodificar idiomatismos, como *Boca-de-siri* (MB6); ou expressões idiomáticas, como *Manda ela catar coquinho* (MSN- m33s/m26s); ou as chamadas *collocations*, pares ou grupos de palavras cujo significado é restrito àquela específica combinação, como em *Não tem um **meio termo**?* (MSN- m26s/m26s), cujo significado não poderia ser construído com “termo intermediário” ou “meia palavra” . Além disso, o usuário inocente da linguagem é incapaz de identificar o caráter formulaico de determinadas expressões em certas situações, como é o caso de *Tô saindo* (MSN-m32s/f21si) ou *Tô indo* (MSN-m26s/m22si) que são fórmulas para encerrar a troca de mensagens *on-line* via *MSN*. Ele também é incapaz de “ler nas entrelinhas” do discurso (*Como cozinheira ela é ótima babá*) ou lançar mão de seu conhecimento lingüístico prévio para reconhecer características especiais da estrutura textual, como entender os “comandos” dados à platéia nas letras de “Axé music”: *Eu quebrei, balancei, vibrei, Ara Ketu me fez dançar, **bote as mãozinhas pro ar!*** (MB2) - mesmo que letras de rock usem verbos no imperativo não é prerrogativa de sua estrutura textual “comandar” a dança da platéia.

Após demonstrar as propostas “distorcidas” de autores que Fillmore chama de “conservadores da inocência” (1979: 8), o autor explica que não propõe que tal idealização seja abandonada, mas que os fenômenos que ela “encobre” devam receber atenção especial dos semanticistas. Elementos constituintes do processo de construção do significado, como as

convenções, o contexto e, principalmente, as fórmulas estruturadas (como os idiomatismos) levam o autor a concluir:

I expect that there are lots of structural formulas like this, each with its own private semantic interpretation rules. If the number and frequency of such constructions is very great, there might some day be semanticists who feel that the standard form of compositional semantics can be undermined altogether, by having its principles absorbed into the list of pairings of such formulas and specific semantic interpretation rules.⁵. (Fillmore 1979: 9)

Desta observação, de que há muito na linguagem além de regras de combinação de signos arbitrários, emerge o projeto de **abordagem construcional da gramática**, invertendo completamente a lógica da lingüística formal: antes que mera unidade combinatória, cada elemento que participa da expressão lingüística (morfema, lexema, expressão perifrástica, padrão oracional abstrato) introduz no discurso corrente a própria “herança” sintato-semântico-pragmática, acumulada ao longo de outras instanciações e que **contaminam** a expressão no conhecimento do usuário da linguagem.

É daí que, tanto quanto a mente corporificada, **o uso, pelo processo de idiomatização**, é dimensão constitutiva da gramática.

As afirmações de Fillmore 1979 acerca das limitações do **falante/ouvinte inocente** nos levam, então, a defender que: (1) se a linguagem se explica a partir de capacidades gerais da cognição humana e (2) se tais capacidades são resultado de uma evolução integrada de nossa percepção corpórea e física do mundo – bastante semelhante para todos nós; o elemento determinante da diferença entre as línguas humanas corresponde justamente às diferentes convenções sócio-históricas do uso lingüístico que se expressam como fórmulas estruturadas. Assim, o idiomatismo estaria entre as dimensões definidoras das línguas humanas e qualquer

⁵ Eu acredito que haja muitas destas fórmulas estruturadas, cada uma com suas próprias regras de interpretação semântica. Se o número e a frequência de tais construções forem muito grandes poderá, algum dia, haver semanticistas que sintam que a fórmula padrão da semântica composicional pode ser totalmente desestruturada pela absorção de seus princípios na lista de tais fórmulas e suas regras próprias de interpretação semântica.

teoria da gramática que pretenda explorar tal questão precisará **abordar a língua em uso**, tornando possível a investigação dos processos de surgimento de novas **construções**.

Segundo Barlow & Kemmer (2000: vii), a expressão *usage-based* (aplicada a modelos e teorias da linguagem) foi cunhada por Langaker em 1987 e detalhada pelo mesmo autor em 1988 no artigo “*A Usage-Based Model*”, mas só recentemente vem sendo utilizada por autores em diferentes abordagens e métodos de análise lingüística.

Recently, the field of linguistics at large has been moving towards more usage kinds of frameworks. The mechanics of formal linguistic theories have shifted, new methodologies have been applied, and the idea has taken root that very narrow conception of what has to be accounted for in a language is not satisfying. There are signs of increasing convergence between a number of formal models of language and approaches that have long insisted on a usage-based perspective⁶. (Barlow & Kemmer 2000: viii)

O próprio Langaker (2000: 1) “admite” que, “para o bem ou para o mal”, cunhou o termo **modelo baseado no uso** associado à proposta de uma Gramática Cognitiva **maximalista, não-reducionista e indutiva**, criando uma oposição à concepção gerativista de então (uma gramática minimalista, reducionista e dedutiva). Explicitando cada uma das propriedades de tal Gramática, o autor afirma que (2000: 2-3):

I. O termo **maximalista** refere-se à idéia de que a representação cognitiva da linguagem seja complexa e altamente redundante, de tal modo que qualquer descrição lingüística apurada terá que refletir tal complexidade e redundância;

II. A postura **não-reducionista** consiste em incluir na Gramática tanto as regras/padrões fixos abstratos quanto as expressões condicionadas pelas instâncias de uso, entendidas todas como unidades analíticas com plena legitimidade;

⁶Recentemente, o campo da lingüística, em grande parte, tem se direcionado para enquadres mais baseados no uso. A mecânica das teorias lingüísticas formais tem mudado, novas metodologias tem sido aplicadas e uma idéia tem criado raízes, a idéia de que uma concepção limitada do que concerne à linguagem não é satisfatória. Há sinais de uma crescente convergência entre certos modelos formais da linguagem e abordagens que têm há muito insistido numa perspectiva baseada no uso.

III. A disposição **indutiva** desse enquadre teórico manifesta-se em concepções que vêm corroborar a hipótese que adotamos do idiomatismo como dimensão definidora das línguas humanas: o reconhecimento de que haja padrões lingüísticos tanto nas generalizações quanto nas “idiossincrasias” e que regras altamente especificadas são mais atípicas do que paradigmáticas. A idéia central nesta abordagem é que “regras” da Gramática – por mais abstratas que sejam – são apenas esquematizações resultantes das expressões concretas recorrentes no uso.

Preocupados em estabelecer com clareza o que seja uma **concepção de linguagem baseada no uso**, Barlow & Kemmer (2000: viii-xxi) apresentam as premissas metodológicas norteadoras de tais modelos, que apresentamos a seguir acrescidas da contribuição de Langaker (2000: 1-64).

A íntima relação entre estruturas lingüísticas e os exemplos de uso da linguagem:

Tal pressuposto não diz respeito apenas a que tipo de dados utilizar na pesquisa, mas, principalmente, à visão cognitivista do sistema lingüístico como um sistema mental. Desta forma, **um modelo baseado no uso é aquele que considera o sistema lingüístico fundamentado em (*grounded in*) eventos do uso**: desde a aprendizagem - passando pela apreensão de representações mais abstratas da gramática que permitem gradativamente o domínio de noções mais particulares - tais eventos continuam a exercer papel crucial na estruturação do sistema lingüístico do próprio falante, e de seus ouvintes, como fontes permanentes de novas informações (*inputs*). Langaker (2000: 9) define os **eventos de uso** como “*the pairing of vocalization, in all its specificity, with a conceptualization representing its full contextual understanding*”⁷.

A importância da frequência: Considerando que o sistema lingüístico é adquirido, moldado e permanentemente influenciado pelo uso, não é possível pensar que a frequência

⁷ “o pareamento de uma vocalização, em toda a sua especificidade, com a conceitualização que representa sua completa compreensão contextual”

maior ou menor de determinado padrão de uso possa ser indiferente para o conhecimento lingüístico do falante. Pelo contrário, “*since frequency of a particular usage pattern is both a result and a shaping force of the system, frequency has an indispensable role in any explanatory account of a language.*”⁸ (Barlow & Kemmer 2000: x). Segundo Langaker (2000: 3-4), a elevada frequência de um padrão determina um grau mais elevado do que o autor chama de **entrenchamento** (*entrenchment*), como uma rotinização/automatização cognitiva, que afeta o processamento de tal padrão:

The occurrence of psychological events leaves some kind of trace that facilitates their reoccurrence. Through repetition even a highly complex event can coalesce into a well-rehearsed routine that is easily elicited and reliably executed. When a complex structure comes to be manipulated as a ‘pre-packaged’ assembly, no longer requiring conscious attention to its parts or their arrangement, I say that it has the status of a **unit**.⁹ (Langaker 2000: 3-4)

Os processos de compreensão e a produção são dimensões constituidoras do sistema lingüístico, e não meramente periféricas: Em outras palavras, revoga-se a oposição chomskyana entre **competência** (interna, integrante do sistema lingüístico) e **desempenho** (externo, resultante do sistema), que passam a ser abordados com equidade.

O papel do aprendizado e da experiência na aquisição da linguagem são evidências da centralidade do uso na explicação da linguagem: Este é um dos grandes divisores de águas entre os modelos baseados no uso e a lingüística chomskiana, que soluciona a questão da aquisição da linguagem postulando “*highly specific innate linguistic structures that lead to the putative development of an adult linguistic system within a few short years of a child’s life.*”¹⁰ (Barlow & Kemmer 2000: xi), o que relega a experiência e o

⁸ “uma vez que a frequência de um determinado padrão de uso é tanto um resultado quanto uma força modeladora do sistema, a frequência tem um papel indispensável em qualquer descrição explanatória da linguagem”

⁹ A ocorrência de eventos psicológicos deixa algum tipo de traço que facilita sua recorrência. Através da repetição, mesmo um evento altamente complexo pode converter-se em uma rotina bem ensaiada, que é facilmente elucidada e executada com confiança. Quando uma estrutura complexa passa a ser manipulada como um agrupamento “pré-embalado” (*pre-packaged*), sem requerer mais atenção a suas partes ou o arranjo dessas partes, eu digo que tal estrutura tem status de **unidade**.

¹⁰ “estruturas lingüísticas inatas altamente especificadas que levam ao suposto desenvolvimento de um sistema lingüístico adulto em poucos anos de vida da criança”

aprendizado a meros estopins do *Big Bang* lingüístico. Pelo contrário, os autores advogam que:

A usage-based model, which stresses the importance of instances of use and consequent cognitive entrenchment, places learning at the forefront of language acquisition. (...) If instances of use are prime input driving the system's formation, the positing genetically-specified guiding linguistics structure is unnecessary. A well-conceived mechanism for learning, which is also applicable to the learning of others kinds of cognitive patterns besides language, is what is needed for a basic understanding of language acquisition and its relation to general cognition.¹¹ (*op.cit.*: xii)

A questão do papel central do uso na aquisição da linguagem e no desenvolvimento da gramática e do significado será retomada adiante ao tratarmos da obra de Tomasello 2003.

As representações lingüísticas são emergentes, e não armazenadas como entidades fixas: Esta hipótese concebe as unidades lingüísticas como rotinas cognitivas resultantes de padrões recorrentes de ativação mental.

Os dados de uso ocupam posição central na descrição lingüística e na construção de teorias: esta é uma conclusão metodológica óbvia depois das premissas expostas anteriormente. Se o sistema lingüístico é determinado pelo uso, as teorias sobre tal sistema precisam ser baseadas em observações de situações de uso real, ou seja, de produção e compreensão, ou, pelo menos, de produção. Os autores alertam para certos cuidados metodológicos na coleta e seleção do *corpora*: a importância de especificar o contexto de uso e o cuidado de não misturar tipos diferentes de texto numa mesma análise, havendo o risco de se apagar características específicas de cada gênero textual. “*Used sensibly, such data can give an insight into such questions as which units are most entrenched in speakers’ linguistic*

¹¹ Um modelo baseado no uso, que enfatiza a importância das instâncias do uso e o conseqüente entrenchment cognitivo, coloca o aprendizado na linha de frente da aquisição da linguagem. (...) Se as instâncias do uso são o principal estímulo a direcionar a formação do sistema, então é desnecessário postular estruturas lingüísticas norteadoras geneticamente especificadas. Um mecanismo de aprendizagem bem concebido e que seja aplicável ao aprendizado de outros tipos de padrões cognitivos além da linguagem é o que seria necessário para um entendimento da aquisição e sua relação com a cognição em geral.

*systems (via examination of frequency of constructions, collocations, etc.) and how such units relate to each other in the grammatical system.*¹²” (Barlow & Kemmer 2000: xvi).

A íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica: Um modelo baseado no uso permite entender por que existem variações e mudanças e também os mecanismos que produzem e propagam seus padrões. Assim como a aquisição, variação e mudança são reflexos naturais do uso dinâmico da linguagem. Num modelo baseado no uso, variações são vistas como formas entrincheiradas alternativas permitidas pela rede lingüística, cuja ativação é causada não apenas pelas características internas do sistema, mas também por questões contextuais e situacionais.

As observed in the seminal work of Labov, variation is highly structured, not only in the individual’s system, but across groups of speakers. The effects of usage on the linguistic system as described earlier lead us to expect that speakers’ language will be influenced by the productions that they hear in particular speech communities of which they are members. As noted in Kemmer and Israel (1994:167), “the more speakers talk to each other the more they will talk alike, and so linguistics variation will pattern along lines of social contact and interaction”.¹³ (Barlow & Kemmer 2000: xviii).

O papel crucial do contexto na operação do sistema lingüístico: Considerando que os processos lingüísticos de abstração e categorização não diferem substancialmente dos mesmos processos em outros domínios cognitivos, pode-se concluir que os padrões lingüísticos e não lingüísticos sejam processados e aprendidos de modo integrado. Assim, em todos os aspectos da linguagem, da fonética à semântica, podemos encontrar influências não-lingüísticas e, além disso, “*there is always the potential for regular aspects of context to become conventionalized and thus part of linguistic system itself*”¹⁴ (op.cit.: xxi). Segundo

¹² Usados de forma criteriosa, tais dados podem fornecer *insights* importantes em questões como quais unidades estão mais entrincheiradas no sistema lingüístico do falante (através de análises de frequências de construções, fórmulas estruturadas, etc.) e como tais unidades se relacionam no sistema gramatical.

¹³ Como observado no seminal trabalho de Labov, a variação é altamente estruturada, não apenas no sistema individual, mas entre grupos de falantes. Os efeitos do uso no sistema lingüístico como descritos anteriormente, levam-nos a esperar que a linguagem do falante seja influenciada pelas produções que ele ouve em determinadas comunidades de fala de que é membro. Como apontado em Kemmer & Israel (1994:167), “quanto mais os falantes conversam entre si mais eles falarão de modo semelhante, dessa forma, a variação se padroniza entre as linhas de contato social e interação”.

¹⁴ Há sempre a possibilidade de aspectos contextuais regulares tornarem-se convencionizados e, então, parte do próprio sistema lingüístico.

Langaker (2000: 20), tal convencionalização é bem conhecida nos estudos semânticos. Nas situações reais e imediatas de uso, os aspectos contextuais têm, então, uma complexa interação com as representações cognitivas pela linguagem.

The context-dependent nature of linguistic production and understanding entails, among other things, the inevitable underspecification of linguistic forms. Language does not hold or “convey” meaning *per se*, but simply provides *cues* for meaning construction in context. A conceptualization occurring in a specific instance of language use is evoked by linguistic forms used, but is necessarily far richer than any information specifically associated with those forms; such information, as noted above, is merely abstraction from experience or use of the forms.¹⁵ (Barlow & Kemmer 2000: xxi)

As premissas da **concepção lingüística baseada no uso** encontram confirmação empírica no trabalho de Michael Tomasello sobre aquisição da linguagem. A convergência com a hipótese teórica da gramática das construções permite que o autor, em seu livro mais recente *Constructing a language: a usage-based theory of language aquisition* (2003), consiga integrar descobertas feitas anteriormente a respeito de aprendizagem de padrões abstratos a partir da **compreensão e uso de expressões lexicalmente especificadas**: a chamada aprendizagem **baseada em itens**, que abordamos a seguir.

Ao rebater a concepção inatista de que os seres humanos nascem com uma gramática universal que contém os princípios abstratos norteadores do processo de aquisição da linguagem (solução para a conhecida questão da **pobreza de estímulo**, sintetizada na afirmativa “*You can’t get there from here*”¹⁶), Tomasello 2003 dedica-se a demonstrar que o uso tem papel central na aprendizagem e na gênese da gramática e do significado:

¹⁵ A natureza dependente de contexto da produção e compreensão lingüísticas, entre outras coisas, envolve a inevitável subespecificação das formas lingüísticas. A linguagem não possui ou transmite significados *per se*, mas simplesmente fornece *pistas* para a construção do significado no contexto. A conceituação que ocorre numa instanciação específica de uso da linguagem é evocada pelas formas lingüísticas usadas, mas é necessariamente mais rica do que qualquer informação especificamente associada a tais formas; tal informação, como dito anteriormente, é simplesmente uma abstração da experiência ou uso dessas formas.

¹⁶ O que significa dizer que a criança não pode chegar à complexidade lingüística da fase adulta baseando-se apenas nos poucos estímulos recebidos durante a fase de aquisição.

But much has happened in the last two decades in developmental psychology, linguistics and cognitive science which suggests a re-evaluation of the situation, that is, what suggests that children *can* get from here to there, and that they can do it without the aid of any hypothesized universal grammar. There are two fundamental points: (1) children have at their disposal much more powerful learning mechanisms than simple association and blind induction; and (2) there exist plausible and rigorous theories of language that characterize adult linguistic competence in much more child-friendly terms than does generative grammar – which makes the endpoint of language acquisition seem much closer¹⁷. (Tomasello 2003:3)

O otimismo de Tomasello é compreensível se observarmos uma das premissas básicas expostas anteriormente: a aquisição da linguagem ocorre integrada à aquisição das capacidades cognitivas como um todo e, também, como o próprio autor destaca, integrada a habilidades sócio-cognitivas. Segundo especialistas na psicologia do desenvolvimento, há dois conjuntos de habilidades particularmente importantes na aquisição da linguagem: (1) o conjunto de habilidades de *leitura de intenções*, adquirido entre os 9-12 meses de idade, que permite direcionar, acompanhar e dividir atenção para objetos ou eventos e também entender a intenção de seus co-específicos; e (2) o conjunto de habilidades para *encontrar padrões*, adquirido precocemente (algumas em fase pré-linguagem), que permite formar categorias perceptuais e conceptuais para objetos, eventos e funções de elementos e também estabelecer esquemas sensório-motores e de comportamento (*op.cit.*: 3-5).

Deixando as questões desenvolvimentistas, o autor ressalta que a questão da aquisição sofre severas modificações com a nova forma de ver a linguagem proposta pela *lingüística baseada no uso* (ou *lingüística cognitivo-funcional*): **a estrutura da linguagem emerge do uso da linguagem.**

Assim, Tomasello 2003 afirma que:

¹⁷ Muito ocorreu nas duas últimas décadas na psicologia do desenvolvimento, na lingüística e na ciência cognitiva que sugere uma reavaliação da situação, ou seja, que sugere que a criança *pode* chegar daqui até lá, e que ela pode fazê-lo sem a ajuda de uma hipotética gramática universal. Há dois pontos fundamentais: (1) a criança tem à sua disposição mecanismos de aprendizagem muito mais poderosos do que simples associação e indução às cegas; e (2) há rigorosas e plausíveis teorias da linguagem que caracterizam a competência lingüística do adulto em termos bem mais próximos à da criança do que faz a gramática gerativa – o que faz parecer bem mais próximo o ponto final da aquisição da linguagem.

Usage-based theories hold that the essence of language is its symbolic dimension, with grammar being derivative. The ability to communicate with conspecifics symbolically (conventionally, intersubjectively) is a species-specific biological adaptation. But, in contrast to generative grammar and other formal approaches, in usage-based approaches the grammatical dimension of language is a product of a set of historical and ontogenic processes referred to collectively as *grammaticalization*. When human begins to use symbols to communicate with one another, stringing them together into sequences, patterns of use emerge and become consolidated into grammatical constructions. (...) this approach conceives linguistic construction as themselves meaningful linguistic symbols – since they are nothing other than the patterns in which meaningful linguistic symbols are used in communication.¹⁸. (*op.cit*:5, grifos meus)

Como vimos anteriormente, numa abordagem baseada no uso não há, *a priori*, tratamento distinto para construções consideradas canônicas e as consideradas idiossincráticas. Por isso, Tomasello (2003: 6-7) propõe que todas as construções possam ser adquiridas com os mesmos conjuntos básicos de processos de aquisição (as habilidades de **leitura de intenções** e as habilidades para **encontrar padrões/categorizar**). Além disso, estreita-se a distância entre a competência lingüística do adulto e da criança, uma vez que se assume que ambos convivem com grande número de construções idiossincráticas e baseadas em itens (*item-based constructions*). Uma importante contribuição trazida ao tratamento da aquisição da linguagem é a compreensão de que a abstração das regras gramaticais surge a partir de padrões dessas construções baseadas em itens, ou seja, **a gênese da gramática e do significado parte da recorrência das construções específicas e segue na direção da abstração/das generalizações**.

Segundo o autor, os estágios iniciais da aquisição de construções sintáticas ocorrem quando a criança lança mão de representações altamente concretas, resultantes de apreensão da fala adulta, e também da experiência sensorio-motor da criança (dos 12 aos 18 meses de idade). Tais representações concretas baseiam-se em palavras e construções específicas que

¹⁸ Teorias baseadas no uso sustentam que a essência da linguagem é sua dimensão simbólica, sendo a gramática, derivativa. A habilidade de se comunicar simbolicamente (convencionalmente, intersubjetivamente) com seus co-específicos é uma adaptação biológica espécie-específica. Mas, em contraste com a gramática gerativa e outras abordagens formais, nas abordagens baseadas no uso, a dimensão gramatical da linguagem é produto de um conjunto de processos históricos e ontogênicos coletivamente definidos como **gramaticalização**. Quando seres humanos usam símbolos para se comunicar, encadeando-os em seqüências, emergem padrões de uso que se consolidam em construções gramaticais (...) essa abordagem considera construções lingüísticas como símbolos lingüísticos de significado pleno – uma vez que não sejam mais do que padrões nos quais símbolos lingüísticos de significado pleno são usados na comunicação.

fazem surgir categorias capazes de preencherem espaços nas generalizações (ainda superficiais) que a criança é capaz de desenvolver. O padrão inicial das sentenças produzidas pela criança está relacionado às categorias por ela identificadas como capazes de preencher espaços nas construções, como “*Mais água.*”; “*Mais leite.*”; “*Mais X*”... (Tomasello 2003: 114). Nesses “esquemas piloto”, não há ainda a marcação de papéis participantes, apenas espaços a serem preenchidos. Assim, sobre esta fase inicial de aquisição (12-18 meses), o autor afirma que:

From a usage-based perspective, word combinations, pivot schemas and item-based constructions are things that children construct out of the language they hear around them using general cognitive and social-cognitive skills. (...) With respect to input for word combinations, there is good evidence that 1-year-olds do not catch on immediately to the general principle of combinatoriality involved in a way that transfers across specific words and expressions – without hearing specifically relevant discourse. (...) Second, the process by which pivot schemas are formed – as abstractions across individual word combinations – is presumably very similar to the way 1-year-olds form other kinds of sensory-motor schemas, including those learned through observation of others’ behavior¹⁹. (*op.cit.*: 123-124)

Nos estágios subseqüentes do aprendizado (18-24 meses), a criança caminha na direção de esquemas mais abstratos, que exigem o uso de símbolos sintáticos (como marcadores morfológicos ou ordenação das palavras) para a marcação dos papéis participantes de tais esquemas: são os **esquemas baseados em itens**, dos quais emergem as **construções baseadas em itens**. Neste processo, o papel das **construções verbais** (*verb island constructions*) parece ser central, pois fornece as bases para as construções mais abstratas, como, por exemplo, a construção da estrutura argumental. Alguns **esquemas baseados em itens** são apresentados pelo autor a guisa de exemplos:

¹⁹ Partindo de uma perspectiva baseada no uso, a combinação de palavras, os esquemas-piloto e as construções baseadas em itens são construídos, a partir da linguagem que a criança escuta a sua volta, utilizando suas habilidades sócio-cognitivas gerais. (...) Com relação aos estímulos para a aquisição da combinação das palavras, não há evidências suficientes que as crianças de um ano de idade consigam aprender os princípios gerais da combinação de palavras envolvidos em diferentes expressões – sem que ouçam discursos especificamente relevantes neste sentido. (...) Segundo, o processo pelo qual os esquemas piloto são formados – como abstrações que permeiam combinações específicas de palavras – é presumidamente bastante similar ao modo como crianças de um ano de idade formam outros tipos de esquemas sensoriais-motores incluindo aqueles aprendidos através da observação do comportamento alheio.



Fig. 1: Esquemas baseados em itens. Fonte: Tomasello 2003:120.

Tais esquemas ilustram o que o autor chama de **hipótese das Ilhas Verbais** (Tomasello 2003:117), segundo a qual estas construções verbais apresentam marcadores sintáticos como parte integrante das construções.

Item-based constructions go beyond pivot schemas in having syntactic marking as an integral part of the construction. (...) At the same time, there is abundant evidence from many studies of both comprehension and production that the syntactic marking in these item-based constructions is still verb specific, depending on how a child has heard a particular verb being used. (...) This was referred to as the Verb Island hypotheses since each verb seemed like its own island of organization in an otherwise unorganized language system²⁰. (*op.cit.*: 117)

Deste modo, o autor explica a emergência das construções como abstrações do uso de itens específicos geradas pelo aprendizado das características específicas das **Ilhas Verbais**. Nos esquemas apresentados acima, vemos que as cenas verbais são estruturadas a partir do conhecimento individual de cada verbo, sem que haja conexões entre os esquemas – é interessante ressaltar que o autor aponta estudos de idiomas como inglês e hebraico nos quais a cena conceptual do verbo dar aparece entre os esquemas mais básicos no processo de aprendizado (cf. Tomasello 2003:119-122).

²⁰ Construções baseadas em itens vão além dos esquemas piloto por apresentarem marcação sintática como parte integrante da construção. (...) Ao mesmo tempo, há evidências abundantes em vários estudos, tanto da compreensão quanto da produção, que a marcação sintática nestas construções baseadas em itens é ainda verbo-específica, dependendo de como a criança ouviu um verbo em particular sendo utilizado. (...) Esta tem sido chamada de a hipótese das ilhas Verbais uma vez que cada verbo parece ser como sua própria ilha de organização em um sistema lingüístico, por sua vez, desordenado.

Concluindo, temos

(...) that up until age 2,6 - and for many children until 3,0 or older - syntactic competence is best characterized as simple an inventory of independent verb island constructions that pair a scene of experience and an item-based construction, with no structural relationships among these constructional islands. (...) In this account, verb island constructions (as one special type of item-based construction) pave the way to more adult-like grammatical competence since so much of adult grammar, specially the more abstract parts, is centered around verbs and their argument²¹. (*op.cit.*: 121)

Destaca-se, para nós, como a fundamental contribuição de Tomasello 2003, a vantagem de dispormos de uma concepção unificada de aprendizagem para apreender todo o processo de aquisição, ou seja, que este baseia-se na aquisição de **construções**.

2.2. A gramática como Gramática das Construções

Como o presente estudo, pelas razões expostas na seção anterior, parte de um **recorte construcionista baseado no uso**, é indispensável que façamos uma breve revisão deste empreendimento teórico denominado **gramática das construções**.

Entendamos primeiramente a noção de **construção**. Segundo a revisão histórica oferecida por Salomão 1999a:

Os trabalhos de Fillmore e Kay, numa clave, e Lakoff e Langacker, em outra, levaram a uma rediscussão da importância deste dispositivo teórico [o conceito de **construção gramatical**], de tal modo que, presentemente, a noção de construção ressurgue com toda força na medida em que salienta a **continuidade essencial entre expressão léxica e expressão sintática**. Segundo a perspectiva teórica identificada como **gramática das construções** (cf. especialmente Fillmore 1987, 1988, 1990; Fillmore e Kay 1993; Fillmore, Kay e O'Connor 1989; Goldberg 1995; Kay 1997), as construções (lexicais ou gramaticais) devem ser tratadas como **unidades básicas da linguagem**. (Salomão 1999a:47)

²¹ (...) que até 2,6 anos de idade – e para muitas crianças até os 3 anos ou mais – a competência sintática é melhor caracterizada simplesmente como um inventário de construções de ilhas verbais independentes que fazem o pareamento entre uma cena experienciada e uma construção baseada em itens, sem que haja relações estruturais entre estas ilhas construcionais. (...) Nesta abordagem, construções de ilhas verbais (como um tipo especial de construção baseada em itens) preparam o caminho para uma competência gramatical mais próxima à do adulto, uma vez que muito da gramática do adulto, especialmente as partes mais abstratas, é centrado em verbos e seus argumentos.

Encontramos no trabalho de Adele E. Goldberg *Constructions: a construction grammar approach to argument structure* (1995) a definição de **construção**, operativa para o presente trabalho:

According to Construction Grammar, a distinct construction is defined to exist if one or more of its properties are not strictly predictable from knowledge of other constructions existing in the grammar: C is a CONSTRUCTION iff_{def} C is a form-meaning pair $\langle F_i, S_i \rangle$ such that some aspect of F_i or some aspect of S_i is not strictly predictable from C's component parts or from other previously established constructions²². (Goldberg 1995: 4)

Note-se que, ao agregar numa só definição expressões lexicais e gramaticais, modifica-se profundamente o caráter destas últimas por considerar-se que possuem o mesmo tipo de estrutura de informação que as primeiras. O que poderia distingui-las seriam contornos prosódicos e diferentes graus de complexidade interna da estrutura de dados. Notemos a distinção entre as sentenças (2) e (3):

(2) *Quem mais você orientou no TFG?* (MSN-m33s/m26s)

(3) *Quem você pensa que é?*

Se pensássemos léxico e sintaxe isoladamente, teríamos em (2) uma sentença identificável do ponto de vista sintático como uma interrogativa direta, mas, (3) acabaria por receber a alcunha de “expressão idiomática” por seu caráter formulaico em situações de conflito. A gramática das construções nos permitirá um tratamento igualitário das sentenças; em ambas as expressões (2) e (3), reconhecemos a instanciação do padrão sintático das interrogativas diretas, a diferença entre elas residindo no preenchimento lexical e na dimensão pragmática, pois a sentença (3) porta o valor agregado de desqualificação do interlocutor na situação comunicativa.

²² De acordo com a Gramática das Construções, uma construção distinta existe quando uma ou mais de suas propriedades não são estritamente predizíveis pelo conhecimento de outras construções existentes na gramática: C é uma construção se, e apenas se, C é um par forma-sentido $\langle F_i, S_i \rangle$ tal que algum aspecto de F_i ou de S_i não é estritamente previsível seja das partes que compõem C seja de outras construções previamente estabelecidas.

Podemos, então, entender a gramática, assim como o léxico, como expressões do conhecimento, formas igualmente eficazes de representá-lo através de categorias cognitivas. Nas palavras de Salomão (1999a: 49): “as construções, tanto quanto quaisquer categorias cognitivas, se **organizam radialmente**: princípios de projeção, independentemente motivados, mapeiam uma construção a outra, da mesma maneira como mapeiam entre si diferentes domínios conceptuais”.

A concepção de uma gramática de construções nos permite, então, postular uma configuração sintática (forma) que estabelece um pareamento com uma significação pragmático-semântica (significado). Assim, não se trata de refutar por completo a idéia de composicionalidade, mas tratá-la como uma das possibilidades de expressão lingüística e de sua integração conceptual.

O trabalho de Goldberg 1995 é devotado ao estudo das estruturas argumentais, através do qual se propõe uma revisão da distribuição de incumbências entre o léxico a sintaxe. Sua abordagem permite que seja evitada a postulação de múltiplas valências para um mesmo verbo, quando a diversidade entre estes padrões semântico-sintáticos puder ser equacionada em termos do reconhecimento de esquemas mais gerais.

A constructional approach to argument structure allows us to avoid the circularity of arguing that the verb is an n -ary predicate and ‘therefore’ has n complements when and only when it has n complements. (...) The verb, on the other hand, is associated with one or a few basic senses which must be *integrated* into the meaning of construction.²³ (Goldberg 1995: 11)

Cada construção terá, então, um número de argumentos correspondente ao número de **participantes** da cena por ela evocada, cada qual investido de específico **papel argumental**. Os argumentos da construção integram-se, então, aos argumentos da cena evocada pelo verbo,

²³ Uma abordagem construcional para a estrutura argumental permite que evitemos a circularidade da afirmativa de que um verbo é um predicado n -ário e, ‘por isso’, tem n complementos quando e apenas quando tem n complementos. (...) Ao contrário, o verbo é associado com um ou alguns sentidos básicos que precisam ser *integrados* ao sentido da construção.

ampliando ou reduzindo esta grade original, de modo a explicar a predicação efetivamente expressa na enunciação em questão.

Consideremos o caso da **Construção de Movimento Causado**, exemplificado em *Patrícia empurrou o piano para a sala*, ao qual aplicaremos as proposições analíticas da autora. O significado é, então, resultante da integração da significação do verbo EMPURRAR, que pede um EMPURRADOR (Patrícia) e uma entidade a ser EMPURRADA (o piano) e da **Construção de Movimento Causado** que é constituída por um AGENTE, um PACIENTE e um ALVO (que pode ou não estar explícito). A autora propõe, para tal construção, uma representação que desenvolvemos da seguinte forma:

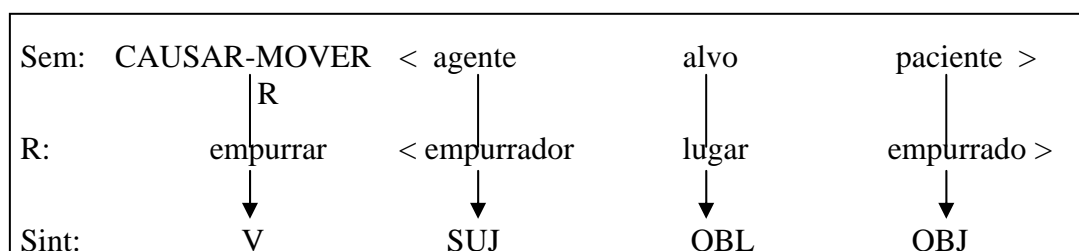


Fig. 2: A Construção de Movimento Causado (adaptado de Goldberg 1995:75).

O esquema semântico dos **papéis argumentais** ocupa a primeira linha (Sem), na segunda linha vem a representação do verbo e dos **participantes** que ele evoca (R) e na terceira linha aparece a **configuração sintática da construção**.

Segundo Goldberg (1995: 50-51), a integração entre o verbo e a construção obedece a dois princípios: (1) **O princípio da Coerência semântica**, pelo qual há de existir compatibilidade entre o papel exercido pelo participante da cena evocado pelo verbo e o papel argumental determinado pela construção (ou seja, o papel de AGENTE atribuído a *Empurrador*; o papel de PACIENTE atribuído a *Objeto Empurrado...*); (2) **O Princípio da Correspondência**, segundo o qual todos os participantes evocados pelo verbo devem ser relacionados a papéis argumentais determinados pela construção (é interessante notar, nesse

princípio, que o oposto não é verdadeiro, ou seja, pode haver argumento construcional que não encontre correspondente nos participantes selecionados pelo verbo, como, no caso considerado, é a situação do ALVO).

Ao tratar da relação entre as construções, Goldberg (1995: 67-100) aborda um tema de importância especial em nosso estudo, a questão das **relações (*links*) de herança na rede construcional**.

The repertoire of constructions is not an unstructured set. There are systematic generalizations across constructions. It is argued that constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for sub regularities and exceptions²⁴. (Goldberg 1995: 67)

A autora (*op.cit.*: 75-81) propõe que haja quatro tipos de relações (*links*) de herança:

- (a) **Links Polissêmicos:** são aqueles em que as construções geradas mantêm a configuração sintática da construção de base, mas ocorre extensão do sentido. A autora exemplifica com a noção de transferência de posse: ‘X CAUSA Y RECEBER Z’, como em: *Isso, eu te dou os DVDs aqui.* (MSN-m26s/m26s), que gera, por polissemia, ‘X CAUSA Y não RECEBER Z’: *Ela me negou a cópia do certificado.*
- (b) **Links de subparte:** a construção herdeira instancia uma seção da valência da construção base. O exemplo é dado pelas Construções Resultativas Intransitivas (*O vidro do carro dela quebrou*), ligadas por subparte às Construções Resultativas Transitivas (*Quebraram o vidro do carro dela.* – PEUL- 58m10a2efcurs).

²⁴ O repertório de construções não é um conjunto desestruturado. Há generalizações sistemáticas entre as construções. Postulamos que as construções formam uma rede e são ligadas por herança, relações que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite captar generalizações entre construções e, ao mesmo tempo, permite perceber sub-regularidades e exceções.

- (c) **Links por Instanciação:** a construção herdeira é uma instância da construção-base. Por exemplo, a construção de Movimento Causado (*Ele empurrou a mesa para a sala*) instancia a de Transferência de Posse (*Ele entregou o livro para os alunos*).
- (d) **Links por extensão metafórica:** ocorrem quando há projeção metafórica de uma construção-base para a herdeira. O exemplo sugerido é que a construção resultativa (*A gelatina passou de líquida para sólida em questão de minutos*) é uma extensão metafórica da construção de movimento causado (*João passou a bola sobre a rede*), em que se projeta metaforicamente o “movimento” em “mudança” e a “localização” em “estado” (Goldberg 1995: 83-84).

O conceito de gramática de Construções, desenvolvido por Goldberg, e a sua hipótese sobre as relações construcionais fundamentam a análise de Salomão 2007 a ser tratada no capítulo terceiro.

2.3. A emergência das Construções gramaticais

Tendo em vista a íntima relação entre uso, variação sincrônica e mudança diacrônica – uma das premissas das abordagens baseadas no uso apresentadas anteriormente – o fenômeno da emergência da gramática, tal como focado nos estudos da gramaticalização, ocupa um lugar especial nos tratamentos analíticos da linguagem.

Segundo estes estudos, a **gramaticalização** é um fenômeno em que novas funções gramaticais são atribuídas a construções ou itens lexicais numa dada língua. Um exemplo

conhecido na Língua Portuguesa é a marca de futuro do presente, que resultou da gramaticalização da construção Modal em Latim, com o presente do verbo *habere*, ‘haver’, que se seguia ao infinitivo nos usos cotidianos do latim vulgar: *amare habeo* > *amare aio* > *amarei*. Ou seja, o que antes era um verbo auxiliar (forma livre: *habeo*) passou a constituir desinência de tempo e modo (marcador gramatical: *-ei*).

Uma sistematização de várias abordagens deste tipo de processo pode ser encontrada na obra *Gramaticalization*, de Paul J. Hopper e Elizabeth C. Traugott, publicado em 1993 e reeditado com ampliações em 2003.

Tais autores ressaltam que o termo ‘gramaticalização’ tem dois significados, um que se refere à linha de pesquisa que se dedica ao fenômeno da linguagem, e o outro que se refere ao fenômeno em si.

As a term referring to a research framework, ‘grammaticalization’ refers to that part of the study of language change that is concerned with such questions as how lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions²⁵. (Hopper & Traugott 2003: 1)

A essa linha de pesquisa também interessa levantar quais sejam as relações semânticas, pragmáticas, morfossintáticas e, às vezes, fonológicas recorrentes nas mudanças lingüísticas.

As a term referring to actual phenomena of language, “grammaticalization” refers most especially to the steps whereby particular items become more grammatical through time. Grammaticalization in this sense is part of the wider linguistic phenomenon of structuration, through which combinations of forms may in time come to be fixed in certain functions²⁶ (Hopper & Traugott 2003: 3)

²⁵ Como um termo que se refere a um enquadre de pesquisa, “gramaticalização” refere-se àquela parte do estudo da mudança lingüística que se ocupa de questões como: de que modo itens lexicais e construções, em certos contextos lingüísticos, vêm a servir a funções gramaticais, ou de que modo itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais.

²⁶ Como um termo que se refere a um fenômeno real da linguagem, “gramaticalização” se refere especialmente aos passos pelos quais determinados itens tornam-se mais gramaticais através do tempo. Gramaticalização nesse sentido é parte do fenômeno lingüístico maior de estruturação, através do qual combinações de forma podem, com o tempo, virem a se fixar em certas funções.

Trata-se, pois, tanto do estudo dos processos diacrônicos, nas línguas humanas, como também da percepção dos processos de gramaticalização sincronicamente, como fenômenos sintático-pragmático-discursivos (Hopper & Traugott 2003: 2).

O que seria, então, uma forma gramaticalizada? Trata-se de uma situação em que um item lexical perde sua autonomia semântica, vindo a integrar-se a uma construção gramatical. No exemplo que consideramos, o Verbo Auxiliar *habeo* (verbo *haver* latino) já gramaticalizado, tem o seu reconhecimento formal e semântico ainda mais reduzido quando se torna um marcador gramatical de tempo futuro em várias línguas românicas.

Se considerarmos o fenômeno de modo bastante amplo e pensarmos a gramaticalização como uma condição da própria língua, verificamos que ela excede os contornos da mudança, constituindo evidência de que a gramática da língua não é uma estrutura abstrata fixa, mas dinâmica, experiencialmente motivada pelos usos reais de seus sujeitos.

Hopper & Traugott (2003: 100) afirmam que não há um caminho único para a emergência das novas formas gramaticais, mas há passos que podem ser identificados. Entre estes, a recorrência de certos usos do item lexical em contextos lingüísticos altamente específicos, a partir da qual ele se idiomatizaria numa determinada construção gramatical, cuja erosão morfológica pode ser esperada no curso do tempo.

Podemos dizer, então, que a gramaticalização, como processo de mudança, tende a obedecer um sentido contínuo, um *cline*, que seria, esquematicamente, segundo os autores (2003: 7), o seguinte:

Item lexical > item gramatical > clítico > afixo flexional

Esse “caminho contínuo pré-estabelecido” para a mudança tem sido alvo de acirradas controvérsias, principalmente no que diz respeito à unidirecionalidade do processo. “*The basic*

*assumption is that there is a relationship between two stages A and B, such that A occurs before B, but not vice versa. This is what is meant by unidirectionality*²⁷” (*op.cit.*: 100).

Boa parte da controvérsia nesse campo, e que não interessa recensear aqui, decorre de diferenças terminológicas – por exemplo, a discussão se a evolução da forma ‘s, que marca o genitivo em inglês, classificada como clítico, seria um contra-exemplo às hipóteses de unidirecionalidade: no caso, **o sufixo** de genitivo, teria se transformado em um **clítico**. A pergunta: por que chamar de clítico e não de sufixo o genitivo inglês? Como se vê, discussões desta ordem são, para nós, irrelevantes.

Hopper & Traugott (2003: 71-76) propõem a seguinte tipologia das mudanças que envolveriam a gênese (ou a evolução histórica) das formas gramaticais:

I. **Mudança num só contexto**: são condições semântico-pragmáticas que iniciam o processo de gramaticalização. No exemplo do latim aqui discutido, o verbo pleno *habeo* (que no latim significava posse e pertença) passou a condições contextuais de uso: tornou-se auxiliar em determinados contextos para as formas nominais de infinitivo e gerundivo (*op.cit.*: 53).

II. **Reanálise**: é um mecanismo que ocorre com perdas morfo-fonológicas e mudança categorial. Segundo os autores, é por esse mecanismo que ocorre a **decategorização** que, no caso do verbo, por exemplo, leva à redução no número de argumentos semanticamente selecionados ou, mesmo, à eventual perda de flexões (*op.cit.*: 50-58). No caso do *habeo* no latim, ao passar à condição de auxiliar, o verbo deixou de selecionar o sujeito e sofreu progressiva perda morfo-fonológica - *amare habeo* > *amare aio* > *amarei*.

²⁷ A premissa básica é que há uma relação direta entre dois estágios, A e B, de modo que A ocorre antes de B, mas não vice-versa. Isso é o que significa falar em unidirecionalidade.

III. **Analogia:** modifica as manifestações, mas não altera regras. Esse mecanismo difunde as novas regras no sistema ou na comunidade. É uma modificação paradigmática. No nosso exemplo, o marcador flexional de pessoa do verbo *habeo* difundiu-se como paradigma para toda a conjugação do futuro em Português.

IV. **Coexistência com os demais usos:** a emergência de uma forma gramaticalizada não implica, necessariamente, no desaparecimento nem da forma lexical originária, nem dos estágios que precedem a gramaticalização propriamente dita. Tais formas persistem e convivem com a construção gramaticalizada. No exemplo que ora tratamos, a forma plena do verbo *haver*, seu uso como auxiliar e o marcador flexional de futuro conviveram no latim e ainda convivem em línguas românicas como o português e o francês. Segundo os autores (2003: 73), “*this property of persistence (...) allowed the reinforcement of older meanings*²⁸”.

Hopper & Traugott (2003: 207) afirmam também que:

As we have mentioned many times, grammaticalization can be thought of as a form of routinization of language (Haiman 1991). A form or a combination of forms occurs in discourse with increasing frequency, and from being an ‘unusual’ way of making or reinforcing a discourse point comes to be the ‘usual’ and unremarkable way to do so²⁹.

O processo de gramaticalização implica em aumento de frequência da forma candidata, um enriquecimento típico da idiomatização que está em curso e uma transformação formal, que opacifica a identidade dos elementos constituintes da construção originária (o reconhecimento do verbo *habere* nos sufixos de futuro das línguas românicas presume informação técnica).

²⁸ “essa propriedade de persistência (...) permitiu o reforço das significações anteriores”

²⁹ A gramaticalização pode ser pensada como uma forma de rotinização da linguagem. Uma forma ou uma combinação de formas ocorre no discurso com uma frequência crescente, e a forma inicialmente ‘não-usual’ de construção ou ênfase de certo ponto do discurso, torna-se a forma ‘usual’ e ‘não-marcada’ de fazê-lo.

A nós, o que interessa é que o processo de gramaticalização indica a **natureza emergente da gramática**, fundada no uso e nas motivações conceptuais contínuas da cognição à linguagem.

O caso abordado nos próximos capítulos corresponde a uma situação de gramaticalização/idiomatização nos usos contemporâneos do Português do Brasil.

3. A CATEGORIA LINGÜÍSTICA DA MODALIDADE E SUA EXPRESSÃO GRAMATICAL

3.1. A Modalidade como categoria lingüística

O tratado canônico da Modalidade é Palmer 1986, não obstante o relativo obsoleto desta abordagem, frente à abundante literatura sobre este assunto nos últimos vinte anos. Apoiando-se largamente em outro tratado clássico (Lyons 1977), a abordagem de Palmer tem o mérito de analisar a categoria da Modalidade sob uma angulação lingüística (e, até mesmo, com certas preocupações tipológicas) num tempo em que se procurava impor à Modalidade lingüística a camisa-de-força da lógica formal.

Com as características tipológico-discursivas que lhe são próprias (uma exploração da categoria da Modalidade aplicável interlingüisticamente), Palmer 1986 estabelece as principais significações modais ao esclarecer que a Modalidade é uma categoria do discurso, independentemente da expressão que venha a obter numa língua dada: Verbos Auxiliares, como em Inglês, inflexões morfológicas como no Latim, no Grego Clássico (*op.cit.*:1-2) ou em Ngiyambaa (língua neutra Australiana), que usa também um sistema de clítico para marcar Evidencialidade (*op.cit.*: 46)

Palmer (1986:1-8) fundamenta seu estudo em duas premissas fundamentais: (1) a categoria gramatical Modalidade pode ser reconhecida na maioria das línguas estudadas,

assim como são reconhecidas as categorias de Gênero, Número, Aspecto e Tempo; (2) é possível tipificá-la, ou seja, identificá-la, descrevê-la e classificá-la nessas diferentes línguas.

Tomando como parâmetro os Verbos Modais em inglês, o autor argumenta sobre as dificuldades de encontrar uma definição para Modalidade:

What is less obvious is the characterization of the semantic function of modality. Tense can be defined as the grammatical category related to time, number as category related to enumeration. There are some problems in the precise definition of aspect (...), and gender is often extended to more than sex; but, in practice, there is no difficulty in deciding what should be treated as examples of such categories. The notion of modality, however, is much more vague and leaves open a number of possible definitions, though something along the lines of Lyons' (1977: 452) 'opinion or attitude' of the speaker seems promising³⁰. (Palmer 1986: 1-2, grifo meu)

Embora seja possível pensar a Modalidade privilegiando ora aspectos formais, ora aspectos semântico-pragmáticos, o autor pondera que qualquer tratamento isolado do fenômeno esbarra na complexidade do tema. Assim, exemplifica com a abordagem formal, que considera a Modalidade como dimensão do sistema verbal; entretanto, a significação modal nunca se relaciona estritamente ao Verbo, e sim à Sentença como um todo (Palmer 1986: 3).

Podemos encontrar exemplos, no PB, que demonstram a multiplicidade da expressão modal. Observemos as sentenças (4), (5) e (6):

(4) *Ele paga o armazém, deve lá na padaria* (MB6).

(5) *A Ana Paula **deve ter ficado** meio p... com a nota* (MSN – m32s/m26s).

(6) *A Ana Paula **está com cara de quem** não gostou da nota.*

Em (4), encontramos a forma verbal DEVE no sentido não modalizador (de expressão de obrigação contraída); enquanto em (5), o verbo auxiliar DEVE expressa a dúvida do

³⁰ O que é menos óbvia é a caracterização da função semântica da modalidade. Tempo (*tense*) pode ser definida como a categoria gramatical relacionada a tempo, número como a categoria relacionada à enumeração. Há alguns problemas para uma definição precisa de aspecto (...), e gênero geralmente inclui mais do que sexo; mas, na prática, não há dificuldade em decidir-se o que pode ser tratado como exemplos de tais categorias. A noção de modalidade, porém, é muito mais vaga e deixa em aberto um certo número de definições possíveis, apesar disso, a idéia de Lyons (1977:452) de 'opinião ou atitude' do falante parece promissora.

falante sobre a enunciação. A mesma dúvida é expressa em (6) sem que se use o verbo auxiliar DEVER: a expressão de incerteza é motivada (metonimicamente) pela expressão idiomática “**está com cara de**”, parafraseável como **parece**. A expressão de Modalidade, como observamos em Português, não se restringe a uma construção exclusiva.

A principal caracterização semântica da Modalidade, segundo Palmer, envolve duas acepções básicas – **Deontica** e **Epistêmica**, embora ele reconheça outra acepção de modalidade (**Modalidade Dinâmica** ou **de Raiz**) que considera menos importante.

Assim, Palmer (1986:18) remete-nos novamente a Lyons 1977, definindo que a modalidade pode ser classificada como **Epistêmica**, que se refere às condições de conhecimento, crença, opinião do falante, mais do que ao fato em si; enquanto modalidade **Deontica** refere-se a necessidade ou possibilidade de ação de agentes moralmente responsáveis.

Quanto à modalidade **Dinâmica**, o autor limita-se a poucas considerações.

In a footnote von Wright (1951: 28) also mentions ‘dynamic’ modality which is concerned with ability and disposition, as in: *John can speak German*. Although something similar appears in Jespersen’s analysis, it is doubtful whether this should be included within modality at all. It will not merit separate consideration in this book, except for the discussion of its status and relation to other modalities³¹. (Palmer 1986: 12)

Apesar de admitir que “*the term ‘kinds’ of modality being reserved for epistemic, deontic, dynamic*”³²” (Palmer 1986: 57, grifos meus), o autor, ao tratar especificamente do verbo modal can, relaciona a modalidade dinâmica exclusivamente à significação de **habilidade, capacidade ou disposição do sujeito** (*op.cit.*: 75). Por não estar relacionada à opinião ou crença do falante e nem a um caráter estritamente deontico de permissão ou

³¹ Numa nota de rodapé, von Wright (1951:28) também menciona a modalidade ‘dinâmica’ que se relaciona a habilidade e disposição, como em: “John pode falar alemão.” Apesar de algo similar aparecer na análise de Jespersen, é duvidoso se esta deve, afinal, ser incluída na modalidade. Esta não merecerá consideração em separado nesse livro, exceto pela discussão de seu status e relação com outras modalidades.

³² “o termo ‘tipos’ de modalidade é reservado a epistêmico, deontico e dinâmico”

obrigação, a modalidade dinâmica fica subvalorizada em sua abordagem. O autor sugere que tal emprego do auxiliar *can* “*could, of course, simply be excluded on semantics ground, (...) if modality is concerned with the attitudes and opinions of the speaker, subjectivity is clearly basic. Only grammatical systems in which a great deal of subjectivity is involved can therefore be considered modal*”³³ (*op.cit.*: 16-17).

Como podemos perceber, o autor refuta o caráter modalizador das expressões que indiquem habilidade e disposição por não encontrar nelas o caráter subjetivo, que considera característico da modalidade.

Outra questão levantada sobre a modalidade dinâmica é que ela tem limites vagos em relação à deontica, embora a ocorrência de formas verbais no passado seja uma clara distinção, no inglês, das modalidades dinâmica e deontica (*op.cit.*: 36 e 100).

Em PB, um exemplo da idéia de **habilitação ou disposição** expressa pela modalidade **dinâmica** pode ser visto em (7).

(7) *Aki, vc **pode participar** de uma banca de TFG em fevereiro?* (MSN-m26s/m27s)

Ao retomar a questão da subjetividade, Palmer observa que essa questão tem lá sua complexidade:

It was suggested earlier that subjectivity might be considered an essential feature of modality, that epistemic modality, at least, is always subjective. There are problems with this in the analysis of deontic modality, in that some non-epistemic uses of modal elements seem to have no element of subjectivity while others seem to involve varying degrees of involvement of the speaker. (...) For reasons such as these, I proposed (Palmer 1979b: 36-7) that we should recognize not two, but three, types of modality – epistemic, deontic and dynamic (...) where ‘dynamic’ modality is said to be concerned with ‘ability and disposition’. Within dynamic modality, however, I included both ‘neutral’ or ‘circustancial’ modality (...) and ‘subject-oriented’ modality³⁴. (Palmer 1986: 102-103)

³³ “possa ser, claro, simplesmente excluído nas motivações semânticas”, pois, “se a modalidade se relaciona a atitudes e opiniões dos falantes, a subjetividade é claramente básica. Somente sistemas gramaticais nos quais a subjetividade esteja fortemente envolvida podem, então, ser considerados modais”

³⁴ Eu sugeri anteriormente que a subjetividade pode ser considerada uma característica essencial da modalidade e que a modalidade epistêmica, pelo menos, é sempre subjetiva. Há problemas com isso na análise da modalidade deontica, na qual alguns usos não-epistêmicos de elementos modais parecem não apresentar elementos de subjetividade, enquanto outros parecem envolver graus variados de envolvimento do falante. (...) Por razões como essas, eu propus (Palmer 1979b: 36-7) que devemos reconhecer não dois, mas três tipos de modalidade – epistêmica, deontica e dinâmica (...), que se refere a habilidade e disposição. Com a modalidade dinâmica, porém, eu incluí as modalidades ‘neutra’ e ‘circunstancial’ (...) e a modalidade ‘orientada para o sujeito’.

A seguir, ao rever sua classificação tripartite anterior, Palmer 1986 critica também os teóricos que utilizam o termo **modalidade de raiz** no lugar do termo “deôntica”, na opinião dele uma fuga ao problema gerado pelos usos não-subjetivos de elementos modais não-epistêmicos. Para ele, o termo é impróprio por implicar na idéia de ‘mais básico’, pois o autor considera que não há razão para conceber que a modalidade deôntica possa ser considerada mais básica, apenas a **modalidade dinâmica** pode requerer esse *status*.

Diante do exposto, podemos dizer que **Palmer 1986 não considera a modalidade dinâmica/ de raiz em sua classificação dos modais em inglês, mas que tampouco nega sua existência e seu caráter ‘mais básico’.**

Abordando a **modalidade deôntica**, o autor afirma que “*the meanings associated with deontic modality are very different from those of epistemic modality. The latter is concerned with the belief, knowledge, truth, etc. in relation to proposition, whereas the former is concerned with action, by others and by the speaker himself.*”³⁵

Assim, temos exemplos de tal modalidade em expressões como:

(8) *Mulher não deve jogar futebol, deve jogar vôlei, basquete, esses negócio* (PEUL-58m10a2efcurs). [OBRIGAÇÃO]

(9) *Não gosto muito de ir à escola, não. Mas tenho que ir* (PEUL-58m10a2efcurs). [OBRIGAÇÃO]

(10) “*Posso entrar no seu Orkut?*” “*Claro que pode*” (MSN- m26s/m26s). [PERMISSÃO]

Sobre a **modalidade epistêmica**, Palmer 1986 destaca que:

The term ‘epistemic’ should apply not simply to modal systems that basically involve the notions of possibility and necessity, but to any modal systems that indicates the degree of commitment by the speaker to what he says. In particular, it should include evidentials such as ‘hearsay’ or ‘report’ (the Quotative) or the evidence of the senses.

³⁵ “os significados associados com a modalidade deôntica são bem diferentes daqueles associados à modalidade epistêmica. A última se relaciona a crença, conhecimento, verdade, etc. em relação à proposição, enquanto a primeira diz respeito a ações, executadas por outros ou pelo próprio falante.”

The Declarative, moreover, can be regarded as the unmarked ('unmodalized') member of an epistemic system (...). This use of the term may be wider than usual, but it seems completely justified etymologically since it is derived from the Greek word meaning 'understanding' or 'knowledge' (rather than 'belief'), and so is to be interpreted as showing the status of the speaker's understanding or knowledge; this clearly includes both his own judgments and the kind of warrant he has for what he says.³⁶ (*op.cit.*: 51)

Como podemos ver, na concepção do autor, modalidade epistêmica não se restringe a uma questão de atitude do falante em relação ao conteúdo da proposição, mas também ao grau de evidencialidade desse conteúdo. Podem ser apontados diferentes tipos de modalizadores epistêmicos (Palmer 1986: 51-75), que resumimos e exemplificamos a seguir.

Modalizadores epistêmicos que indicam julgamento:

- I. O falante indica que ele *especula* sobre o que diz: *Hoje não é dia de votação na Câmara. Talvez o deputado venha mesmo assim.*
- II. O falante indica que ele *infere ou deduz* o que diz: *Hoje é dia de votação na Câmara, então o deputado deve vir.*

Modalizadores epistêmicos de evidencialidade:

- I. O falante indica que *foi informado* sobre o que diz: *Disseram no gabinete que o deputado viria hoje.*
- II. O falante indica que *há evidências/ aparência de verdade* sobre o que diz: *Acho que o deputado virá para a votação na Câmara hoje.*

³⁶ O termo 'epistêmico' não se aplica às noções de possibilidade e necessidade, mas a qualquer sistema modal que indique o grau de compromisso do falante com relação o que diz. Particularmente, deve envolver evidências como 'ouvir dizer' ou 'reportado' (o Discurso Reportado) ou evidências de sentido. As sentenças Declarativas seriam, geralmente, o membro não-marcado (não-modalizado) de um sistema epistêmico (...). Esse uso do termo pode ser mais do que usual, mas parece completamente justificado pela etimologia, uma vez que é derivado da palavra grega que significa 'compreensão' ou 'conhecimento' (mais do que 'crença'), e, portanto, deve ser interpretada como demonstração do entendimento ou conhecimento do falante; o que claramente inclui tanto seu próprio julgamento como a garantia que tem daquilo que diz.

3.2. A concepção da Modalidade na Linguística Cognitiva

O trabalho desbravador neste campo foi feito por Talmy, em artigo de 1988, subsequente reunido em coletânea de 2000 (Vol.I), que explica a semântica da Modalidade em termos do seu tratamento cognitivo da Causalidade.

Desde que a Semântica Gerativa iniciara a discussão do conceito de Causalidade e de sua expressão lingüística, a questão que intrigava os estudiosos era menos a multiplicidade da codificação lingüística (variação da valência dos verbos, expressões perifrásticas com verbos como **causar**, **forçar**, **fazer**, afixos nos verbos ou partículas nas sentenças), mas, principalmente, a diversidade das noções de Causa descritas.

Considerem-se os exemplos (11) abaixo:

- (11) a) *O vento derrubou a roupa do varal.* (Movimento Causado)
- b) *O gato derrubou a jarra da mesa.* (Movimento Causado com Ação Animada)
- c) *O Zé derrubou a goiaba da goiabeira.* (Movimento Causado com Agentividade)
- d) *Os pregadores seguraram a roupa a roupa no varal.* (Prevenção Causada de Movimento)
- e) *Eu preguei o quadro na parede.* (Prevenção Causada de Movimento com Agentividade)
- f) *A rachadura no tanque fez a água vazar na área.* (Fator Capacitante Inanimado)
- g) *Eu desliguei a tomada para degelar o freezer.* (Fator Capacitante com Agentividade)
- h) *Quando o vento parou de soprar, a água do lago ficou um espelho.* (Suspensão de Causa)
- i) *Eu deixei a roupa na mala.* (Suspensão de Causa com Agentividade)
- j) *Eu me forcei a levantar da cama.* (Causação Intrapessoal)
- k) *Eu resolvi ser bem educada com ele.* (Causação Intrapessoal no Nível Psíquico)
- l) *Ele tem força para levantar essa mala do chão.* (Fator Capacitante Intrapessoal no Nível Físico)

- m) *Ele tem cultura suficiente para entender esse texto.* (Fator Capacitante Intrapessoal no Nível Psíquico)
- n) *Ele está proibido de sair de casa.* (Causação no Nível Social/ Interpessoal: Interdição)
- o) *Eu deixei ele sair de casa.* (Causação no Nível Social/ Interpessoal: Permissão)
- p) *Você precisa estudar para terminar essa tese.* (Fator Capacitante no Nível Psíquico Expresso como Obrigação no Nível Social/Interpessoal)

Exemplos como estes poderiam multiplicar-se, uma vez que é possível combinar as diversas **formas de causação** (física, psíquica, social) em suas diversas **modalidades** (causa direta, indireta, fator capacitante) **exercidas positiva** (aplicação de Causa) ou **negativamente** (suspensão/interdição). Certamente, uma tarefa impossível para a análise que usa como ferramenta a predicação lógica abstrata CAUSAR.

Talmy descobriu que era possível unificar o tratamento de todos estes casos desde que fosse adotada a concepção de CAUSA como projeção metafórica de FORÇA. *Insight* tão simples, mas inadmissível para uma semântica que não admita a motivação conceptual da experiência corporal e a projeção metafórica interdomínios. A descoberta de Talmy é que nossa concepção de FORÇA é inteiramente baseada na experiência somato-sensória e proprioceptiva do exercício de força física na nossa vida cotidiana.

Assim é que sabemos que FORÇA exercida contra um objeto leva ao seu deslocamento espacial (quando, por exemplo, chutamos uma bola). Sabemos que o exercício de FORÇA também impede movimento (quando abotoamos a roupa para que não deslize no corpo). Sabemos que temos força para empurrar o caderno sobre a mesa, mas talvez precisemos de ajuda para empurrar o sofá da sala. Temos, pois, **consciência física intuitiva** do que seja exercer força (para mover ou para segurar) e do que seja a condição capacitante para o exercício da força.

A postulação de Talmy de que a esquematização acima referida (batizada por ele de **Esquema de Dinâmica de Forças**) é absolutamente central à cognição e ao uso da linguagem combina-se com o entendimento, anteriormente defendido por Lakoff e Johnson 2002[1980] sobre o papel crucial dos **Esquemas Imagéticos (conteúdo, trajetória, verticalidade, etc)** na estrutura conceptual humana.

Assim, nos termos de Talmy (2000: 413), a distinção importante que a linguagem marca é a diferença de papel entre duas entidades exercendo força: a entidade ativa na imposição de força é, geralmente, destacada como foco de atenção em relação à outra entidade, sobre a qual a força é (ou não é) exercida. Talmy denominou estes dois papéis semânticos através da terminologia usada na fisiologia ao designar pares de músculos dinamicamente opostos: o elemento que sofre a força é o **Agonista**; o elemento que exerce a força é o **Antagonista**. Os seguintes elementos gráficos participarão da esquematização considerada:

Entidades: Agonista (Ago): ○

Antagonista: (Ant): □

Distribuição da Força: Entidade mais forte: +
Entidade mais fraca: -

Tendência Intrínseca da Força: Para a ação: >
Para o repouso: •

Resultantes: Ação: —————→

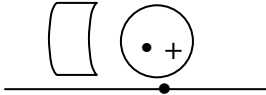
Repouso: —————•

(12) **Padrões Dinâmicos** (Estáveis):

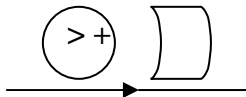
a) *A bola, impelida pelo vento, continuou rolando pelo gramado.*



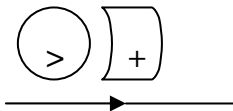
b) *O telhado não voou apesar da ventania.*



c) *A bola continuou rolando apesar da grama alta.*



d) *O quadro despencou, apesar de bem pregado na parede, por causa do peso.*



Os mesmos padrões em (12) podem ser alterados na seqüência temporal se acontecer (como é freqüente na realidade) a alteração na distribuição de Força entre Agonista e Antagonista.

Tais esquematizações, absolutamente adequadas para a representação da Dinâmica das Forças Físicas, são facilmente extensíveis à representação metafórica da Causa em domínios mais abstratos:

(13) (a) *Ela decidiu terminar a tese.* (Esquema 12a: Causação Intrapessoal)

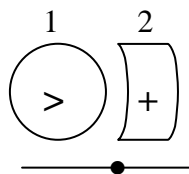
(b) *Ela decidiu terminar a tese apesar de estar dando aulas.* (Esquema 12c: Causação Intrapessoal e Social).

(c) *Ela ficou quieta apesar de provocada.* (Esquema 12b: Causação Social)

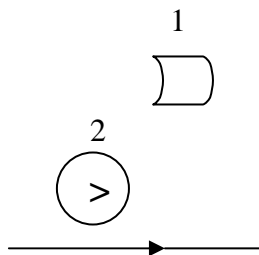
(d) *Ela superou a falta de dinheiro.* (Esquema 12d: Causação Social)

Além do conjunto de esquemas apresentados, que lidam com a situação de imposição direta de forças, são também relevantes os esquemas que tratam de impedimentos e de suspensão de impedimentos ou da intervenção de fatores capacitantes. Observemos os exemplos (14) abaixo e os esquemas correspondentes, nos quais os números (1) e (2) marcam a ordenação de fases no processo:

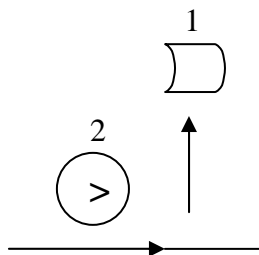
(14) a) *A tampa impediu a água de vazar do tanque.* (Impedimento)



b) *A retirada da tampa deixou a água vazar do tanque.* (Suspensão de Impedimento)



c) *Puxar a tampa do tanque com uma corda ajudou o tanque a esvaziar.* (Intervenção de Fator Capacitante)



As exemplificações físicas são facilmente contrapostas a suas extensões metafóricas:

(15) (a) *A polícia impediu os manifestantes de marcharem até a praça.* (14a)

(b) *A imprensa apoiou os manifestantes a marcharem até a praça.* (14b)

(c) *A polícia permitiu os manifestantes marcharem até a praça.* (14c)

É óbvio, a este ponto, em que medida o modelo talmiano apreende as significações modais (Deônticas e de Raiz): já que CAUSAS SÃO FORÇAS, operantes não apenas no domínio físico, mas também nas esferas intrapessoal (psíquica) e interpessoal (social), então, nada mais natural que descrever todo o domínio da Modalidade em termos de Causação e, pois, de Dinâmica de Forças. Os exemplos abaixo são auto-explicativos:

(16) (a) *O Zé consegue correr morro acima sem cansar.* (Fator Capacitante Físico)

(b) *Ela pode defender a tese até junho.* (Fator Capacitante Psíquico)

(c) *Ela tem condições de responder às perguntas da banca.* (Fator Capacitante Psíquico e Social)

(d) *Ela pode viajar até Buenos Aires sem passaporte.* (Fator Capacitante Social)

(e) *Ela pode viajar sem passaporte porque ela tem autorização da Polícia Federal.* (Permissão)

(f) *Ela deve viajar com passaporte porque essa é a disposição legal.* (Obrigação)

A contribuição iluminadora de Talmy 2000 com relação à Modalidade é a transposição metafórica do domínio das Forças/Causas do domínio-fonte Físico para o domínio-alvo das relações Psico/sociodinâmicas. Deve-se, pois, ao autor, um tratamento elegante e unificado das significações Modais de Raiz (Fatores Capacitantes; Habilidades) com as significações Modais Deônticas (Permissão e Obrigação). Trata-se, afinal, do mesmo esquema conceptual de Dinâmica de Forças; a diferença é estritamente de Escopo (Escopo Material para Escopo Social).

Coube a Eve Sweetser 1990 estender inteligentemente esta análise – do domínio Sociodinâmico à Dinâmica do Raciocínio – assim explicando a evolução histórica dos Verbos

Modais em inglês que, ao longo de uma evolução de aproximadamente três séculos, estenderam ao Domínio Epistêmico suas anteriores significações Deônticas. O argumento de Sweetser 1990 é que a caracterização esquemática de Permissão (Suspensão de Impedimento) explica metaforicamente a acepção Epistêmica de Possibilidade e a caracterização esquemática de Obrigação (Imposição de Força) explica metaforicamente a noção de Necessidade Lógica. Além disso, a caracterização esquemática de Habilidade (Intervenção de Fator Capacitante) é também mapeável para explicar metonimicamente a passagem das expressões de Habilidade às expressões de Permissão (caso do verbo *can* em Inglês).

Não cabe, nesse momento, fazer uma recensão desta passagem da diacronia do Inglês. Observemos, entretanto, que as relações conceptuais acima descritas estruturam também a polissemia dos verbos em Português:

- (17) (a) *Ele pode nadar 200 metros sem cansar.* (Habilidade)
- (b) *Ela pode matricular-se no próximo semestre: está em condições legais para tanto.* (Permissão ou Possibilidade)
- (c) *Pode ser que ele se matricule no próximo semestre.* (Possibilidade Epistêmica)
- (d) *Ela deve entregar a tese à secretaria três semanas antes da defesa porque assim dispõe o Regulamento da Pós-graduação.* (Obrigação)
- (e) *Ele deve me telefonar ainda hoje porque assim me disse que faria.* (Necessidade pragmática – Expressão de Certeza)

Consideradas conjuntamente as contribuições de Talmy 2000 e Sweetser 1990, fica clara a superioridade da abordagem cognitivista da Modalidade sobre a descrição de Palmer 1986: a projeção metafórica das Forças em Causas e a esquematização metafórica dos domínios Sociodinâmicos e do Raciocínio em termos de Dinâmica de Forças permitem uma compreensão unificada e altamente regular das significações modais (de Raiz, Deônticas e Epistêmicas). Este conceito foi pela primeira vez aplicado à descrição do Português na Tese de Doutorado de Salomão 1990, que exploramos a seguir.

3.3 A construção Modal com dar no Português do Brasil

Deve-se a Salomão 1990 o objeto do presente estudo, pois a construção modal com o verbo dar é identificada pela primeira vez na rede polissêmica deste verbo, mapeada pela autora em sua tese de doutoramento realizada na Universidade da Califórnia em Berkeley, Estados Unidos. Vale a pena observar que nenhuma das abordagens contemporâneas do Português – seja na vertente tradicional (Cunha e Cintra 2001), ou em descrições mais modernas, gerativista (por exemplo, Perini 1995) ou funcionalista (por exemplo, Neves 2000) – menciona este uso modal, não obstante a sua clara presença nos usos convencionais contemporâneos. Da mesma forma, os principais registros lexicográficos em uso (Houaiss 2001, Aurélio 2004, Michaelis 2004) deixem de reconhecê-la não obstante os copiosos verbetes do verbo dar, alguns dos quais com mais de uma centena de acepções.

Salomão 1990, na esteira dos estudos lakoffianos sobre polissemia (representados nos estudos de caso de Lakoff 1987), descreve a complexa polissemia construcional com o verbo dar no Português do Brasil, presente em usos como (18):

- (18) (a) *O João deu uma bicicleta pro filho.* (TRANSFERÊNCIA DE POSSE)
 (b) *O João deu um chute na porta.* (AÇÃO)
 (c) *O João deu uma chutada na porta.* (AÇÃO + Aspecto DIMINUTIVO)
 (d) *O João deu pra beber.* (INCEPÇÃO DE HÁBITO)
 (e) *Deu sol ontem de tarde.* (EXISTENCIAL)
 (f) *Me deu fome agora.* (EXPERIÊNCIA)
 (g) *Dá pra você me emprestar o caderno?* (MODAL DEÔNTICA: PERMISSÃO)

Todos estes usos, e ainda outros, cuja identificação não cabe neste momento, são, segundo a autora, organizados como uma categoria radial com centro e subcentros vinculados

por relações de herança, muitas das quais correspondentes a processos figurativos metafóricos e metonímicos. A instância básica, centro da categoria radial nesta abordagem, é a **Construção de Transferência de Propriedade**, postulada segundo argumentação classicamente lingüística, mas que atualmente é fortalecida por razões de natureza cognitiva: como vimos, Tomasello 2003 (também Goldberg 2006 *apud* Salomão 2007), corrobora esta posição com dados da aquisição da linguagem; a construção de TRANSFERÊNCIA DE POSSE está entre as primeiras a serem aprendidas pelas crianças.

Em nosso estudo, focalizando construções do tipo (18g), também recorremos à análise que motiva a Modal a partir desta construção básica.

Antes, porém, caracterizemos a construção de que se trata e que, segundo Salomão 2007, pode instanciar as acepções abaixo ilustradas:

(19) (a) *A seleção de vôlei está bem preparada. Dá pra ganhar a medalha de ouro.*
(Modalidade Habilitativa/de Raiz: *A seleção está apta a ganhar a medalha de ouro.*)

(b) *Não dá pra ser feliz* [MB1]. (Possibilidade de raiz [negada]: não há condições que verifiquem a situação modalizada)

(c) *Como você já terminou seus deveres, dá pra você assistir a novela.*
(Modalidade Deôntica: Permissão concedida)

Uma caracterização formal, bastante rústica desta construção, indicará que:

- (i) trata-se de **construção impessoal**: o verbo dar ocorre sempre na terceira pessoa do singular;
- (ii) trata-se de **construção com Objeto Nulo**, em contraste com outros usos do Verbo dar, que ocorrem sempre em um padrão transitivo;
- (iii) trata-se de **construção que rege uma Oração Infinitiva introduzida pela preposição para**, frequentemente em sua versão reduzida prá, que, eventualmente se combina fonicamente com os pronomes sujeitos de infinitivo.

Salomão 1990; 2007 postula que a rede lexical com dar é nucleada pela Construção de Transferência de Propriedade, abaixo representada dentro do arcabouço analítico apresentado em Goldberg 1995 e resenhado na seção 2.2 deste trabalho.

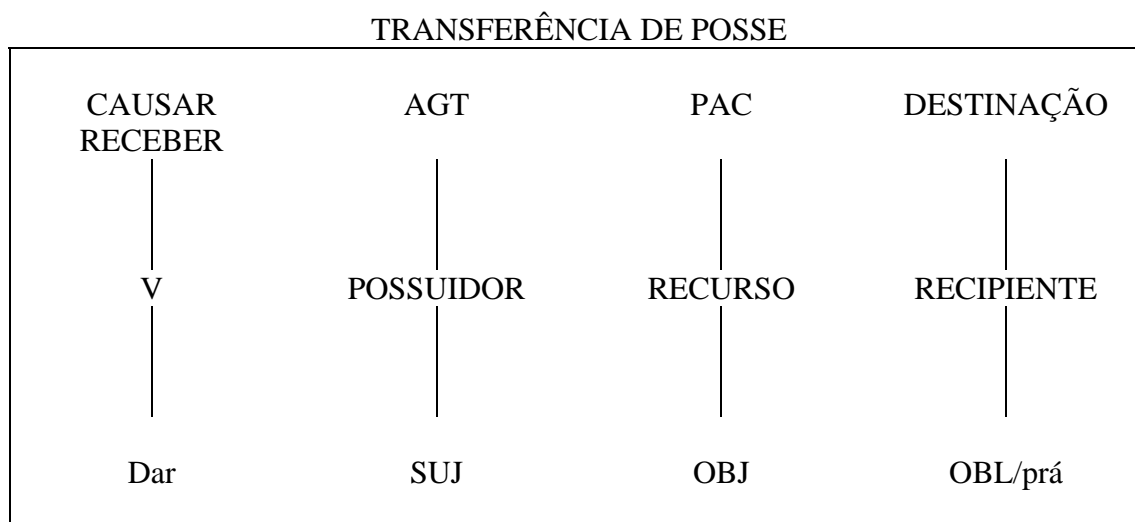


Fig. 3: A Construção de Transferência de Posse

Como se pode observar, esta construção é uma instanciação da Construção de MOVIMENTO CAUSADO, descrita em Goldberg 1995:75, preenchida lexicalmente com o verbo dar, embora sejam admissíveis outros preenchimentos lexicais: doar, outorgar, entregar, conceder, presentear, oferecer, passar, transmitir etc.

Postular o esquema sintático-conceptual com um preenchimento lexical específico é inteiramente consistente com as abordagens baseadas no uso que recenseamos na seção 2.1, especialmente tendo-se em vista as descobertas reportadas em Tomasello 2003, de que a aprendizagem se dá via **ilhas verbais**, e considerando também que as unidades lingüísticas psicologicamente relevantes são as **unidades do uso**, instanciadas concretamente como padrões de frequência (cf. BARLOW e KEMMER, 2000: x-xii).

É importante observar, conforme Salomão 2007, que:

The conceptual frame evoked by the Transfer of Ownership *dar*-Construction is inherently complex in that

- (i) it conflates the Causing Event and its Result in a Causative pattern; and
- (ii) it binds three conceptual schemas with each other:

FIRST POSSESSOR	=	AGENT	=	SOURCE
RESOURCE	=	PATIENT	=	THEME
RECIPIENT				DESTINATION

POSSESSION SCHEMA = ACTION SCHEMA = PATH SCHEMA

It is this rich conceptual structure, paired to an elegantly simple syntactic framework that, in alliance to its strong pragmatic relevance, makes the Transfer of Ownership *dar*-Construction such a powerful resource as a source domain³⁷.

O domínio-fonte TRANSFERÊNCIA DE POSSE motiva a Modal metaforicamente, através de duas metáforas conceituais, ambas descritas e discutidas detalhadamente em Lakoff & Johnson (1999: 196 e seg.).

I. ATRIBUTOS SÃO PROPRIEDADES

II. PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES

A metáfora conceptual ATRIBUTOS SÃO PROPRIEDADES é ilustrada por expressões como as seguintes:

(20) (a) *O barulho me deu dor de cabeça.*

(b) *Este livro me deu uma idéia ótima.*

(c) *Este trabalho já me deu muita raiva.*

O “Recipiente” das “Propriedades” dor de cabeça, idéia ótima, muita raiva é, no domínio alvo, o Experienciador destes Atributos: assim, a inferência metafórica de que “O barulho me deu dor de cabeça” é que, em consequência, “Eu tenho dor de cabeça”; “Preciso de um remédio pra me tirar essa dor de cabeça.”, etc.

³⁷O enquadre conceptual evocado pela Construção de Transferência de Posse com verbo *dar* é hereditariamente complexo uma vez que: (i) combina o Evento Causal e seu Resultado em um padrão Causativo; e (ii) relaciona três esquemas conceituais entre si:

PRIMEIRO POSSUIDOR	=	AGENTE	=	FONTE
RECURSO	=	PACIENTE	=	TEMA
RECEPTOR				DESTINAÇÃO

ESQUEMA DE POSSE = ESQUEMA DE AÇÃO = ESQUEMA DE DESLOCAMENTO

Esta rica estrutura conceitual, pareada a um enquadramento elegantemente simples e sintético que, em aliança a sua forte relevância pragmática, fazem a Construção *dar* de Transferência de Posse um recurso tão poderoso como um domínio fonte.

No caso da motivação metafórica da Modal, a relação relevante é a metáfora HABILITAÇÕES SÃO PROPRIEDADES, um caso da metáfora mais geral ATRIBUTOS SÃO PROPRIEDADES. Isso porque, no caso da motivação da Modal, nem todos os Atributos serão operativos: por exemplo, se o barulho me deu dor de cabeça, a dor de cabeça mais funcionará como um impedimento do que uma habilitação, se eu quero, por exemplo, ir a um concerto.

Esta metáfora é exemplificada abaixo:

- (21) (a) *Eu tenho bastante dinheiro para viajar.*
 (b) *Eu arranjei algum tempo pra ler o seu trabalho.*
 (c) *Deus me dê paciência pra eu aturar essa situação.*

Em todos os casos acima, o RECURSO transferido é uma habilitação, que pode ser Material, como em (21a), ou abstrata, como em (21b) e (21c).

A metáfora conceptual PROPÓSITOS SÃO DESTINAÇÕES também estudada em Lakoff & Johnson (1999:179 e seg.), está presente em expressões como as seguintes:

- (22) (a) *Já estamos vendo a luz no fim do túnel.*
 (Obter um propósito é alcançar uma destinação)
 (b) *“E pra chegar aonde eu cheguei,
 Como lutei, como lutei!”* (na voz de Elza Soares)

No Português do Brasil, orações de propósito, na sua versão infinitiva, são introduzidas pela preposição para a mesma que marca Beneficiários e Recipientes.

- (23) (a) *O homem botou uma casa pra mim morar.*
 (b) *Estou mudando pra são Paulo.*
 (c) *Faz este favor pra mim.*
 (d) *Ele saiu do emprego pra ganhar dinheiro.*

A proposta de Salomão 2007 é que estes links metafóricos motivam a **Construção de Habilitação com o Verbo dar**, abaixo ilustrada e, a seguir, representada:

(24) (a) *A Capes me deu uma bolsa pro doutorado.*

(b) *Ele me deu mais tempo preu escrever.*

CAUSAR RECEBER	AGENTE	HABILITAÇÃO	RECIPIENTE/ BENEFIC.	PROPÓSITO
V				
Dar	SUJEITO	OBJETO	OBL/pra	INFIN/pra

Fig. 4: A Construção de Habilitação com o Verbo DAR

O mapeamento metafórico se configura seguindo o seguinte esquema:

POSSUIDOR/AGENTE > AGENTE

PROPRIEDADE > HABILITAÇÃO

RECIPIENTE > BENEFICIÁRIO/ AGONISTA

Como postulado por Goldberg 1995, as Construções são motivadas por herança (no caso, Metafórica) e/ou por combinação sintagmática. A Construção de Habilitação herda a estrutura sintático-conceitual da Transferência de Posse e se combina com a oração de Propósito para constituir este novo e complexo pareamento sintático-semântico.

Segundo Salomão 1990; 2007, a Construção de Habilitação licencia as seguintes inferências:

- (i) O RECURSO TRANSFERIDO HABILITA O RECIPIENTE A SE MOVER NA DIREÇÃO PRETENDIDA;
- (ii) O RECIPIENTE HABILITADO É UM AGONISTA EMPODERADO;
- (iii) A MUDANÇA NA DINÂMICA DA AÇÃO DESBLOQUEIA A TRAJETÓRIA DO RECIPIENTE/ AGONISTA.

Como se vê, esta análise de motivação metafórica da Construção de Habilidade, proposta por Salomão 1990; 2007, é inteiramente consistente com o tratamento da Modalidade, defendido por Talmy 2000 e Sweetser 1990 (recenseado na seção 3.2), em termos de conversão metafórica da Dinâmica Física em Sociodinâmica. Deve-se observar, especificamente, que a Habilidade, assim concebida, corresponde ao padrão causativo que Talmy 2000 categoriza como AJUDAR: o fato é que a Habilidade adquirida pelo Agonista é fator suficiente para que ele aja, mas não é condição necessária de sua Ação (Posso, por exemplo, ganhar uma bolsa da CAPES e, ainda assim, não concluir meu Doutorado...).

Um outro ponto interessante a se destacar sobre esta Construção é que ela admite tanto a instanciação com Recipiente e Agonista - exemplo (25a) – ou só com o Agonista – exemplo (25b):

(25) (a) *Ele me deu dinheiro preu viajar.*

(b) *Ele deu dinheiro preu viajar.*

A redução formal observada na sentença (b), sem conseqüências conceptuais (embora, possivelmente, com algum impacto discursivo), produz-se porque, nesta Construção, o Recipiente e o Agonista são semântica e refencialmente idênticos.

Salomão 2007 propõe que a Modalização da Construção de Habilidade seja operada através de sua generalização. Não cabe dúvida que a Construção de Habilidade já porta um significado modal, restrito entretanto ao escopo interno da proposição. Na medida em que o Agente se generaliza como Causa Indefinida, o Recurso transferido passa a ser ou pragmaticamente identificável ou, também, indefinido na situação; o Agonista perde, assim, as restrições semânticas que o pré-estabelecem como Agente. Considerem-se as possibilidades apresentadas abaixo:

(26) (a) *Ele me deu dinheiro preu viajar.*

(b) \emptyset *Deu \emptyset preu viajar.*

(c) *Dá prele ta mais calmo agora.*

(d) *Dá prele ser derrotado na eleição.*

(e) *Dá pra cerveja ta gelada antes do churrasco.*

(f) *Dá pra pegar uma praia mais logo.*

Observe-se que (26a) apresenta Agente, Recurso e Agonista definidos: o Agonista, inclusive, definido como Agente do Propósito expressado pela oração infinitiva. Em (26b), Agente/Causa e Recurso/Habilitação são sintaticamente Nulos, embora o Agonista ainda seja um Agente. Em (26c), entretanto, o Agonista já é um Experienciador; em (26d) e (26e), um Paciente/Sujeito da Passiva e, em (26f), o próprio Agonista, semanticamente indefinido, aparece sintaticamente Nulo.

A autora propõe que este processo de extensão de usos tenha levado da Construção de Habilitação com dar à Construção Modal com dar, representada no diagrama abaixo:

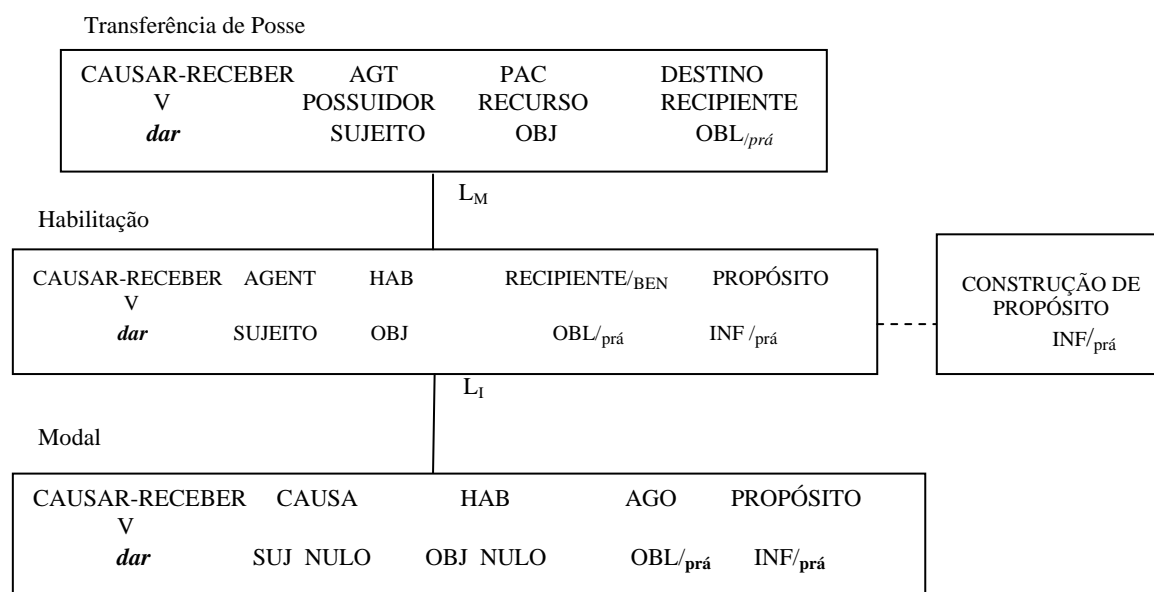


Fig. 5: A rede construcional da Construção Modal com o Verbo DAR (adaptado de Salomão 2007)

Deste modo a Construção Modal seria motivada na rede construcional através de links de Herança Múltipla (cf. Goldberg 1995; 2006 *apud* Salomão 2007).

Salomão (2007) afirma também que a maior generalidade da Modal é consistente com abordagens clássicas de gramaticalização da Construção Modal, correspondente à condição caracterizada por Traugott de crescente **Subjetificação** da Construção (Traugott e Dasher 2005 *apud* Salomão 2007), que a gabarita a ser empregada em usos claramente avaliativos, tais como (27):

(27) (a) *Ainda dá pra chover mais logo.*

(b) *Dá pro Fulano se candidatar ao Mestrado.*

A drástica “poda” sintática da Modal é também prevista na literatura como indício da sua progressiva gramaticalização: à esquematização conceptual correspondente à significação modal contrapõe-se o despojamento formal presente na anulação da grade argumental do verbo dar.

4. A IDIOMATIZAÇÃO DA MODAL COM DAR NO PORTUGUÊS DO BRASIL

4.1 Quadro hipotético

A análise de Salomão 2007 aponta para um processo de gramaticalização que é o objeto de nossa investigação. Trataremos, em nossa análise, de caracterizar a emergência da Construção Modal com o verbo dar com dados obtidos da análise do uso.

4.1.1 Hipóteses gerais

4.1.1.1 A gramática é uma rede de construções, motivada por relações de herança.

4.1.1.2 As construções gramaticais emergem do uso via convencionalização dos padrões mais frequentes, cuja instanciación é motivada conceptualmente e discursivamente.

4.1.2 Hipóteses específicas

4.1.2.1 A construção modal é uma nova construção, motivada por múltipla herança da Construção de Transferência de Posse, central na rede lexical com o verbo dar no Português do Brasil.

4.1.2.2 A emergência da Construção Modal se dá gradualmente pelo crescimento das frequências nas variedades de seu uso.

4.1.2.3 A emergência dos usos Modais se dá a partir dos usos de Raiz até os usos Epistêmicos.

4.2 *Corpora* e metodologia

A metodologia de pesquisa adotada no presente estudo pode ser dividida em dois momentos distintos. Inicialmente, foram colhidas, aleatoriamente, 5.000 orações produzidas em situações de interação em tempo real; o objetivo desta primeira fase foi o de quantificar e categorizar as ocorrências da Construção Modal com o verbo dar numa amostragem de texto colhida ao acaso. Para tanto, realizamos o levantamento de frequências da Construção Modal com dar neste conjunto de 5.000 orações, quantificando o número de orações modais, o número de Modais com dar e a que categorias (Deontica, Epistêmica ou de Raiz) estas pertenciam.

Num segundo momento, localizamos mais ocorrências da Construção provenientes de gêneros textuais diversificados de modo a totalizarmos 100 ocorrências de uso da Construção Modal com o Verbo dar. Distintamente das ocorrências usadas para a análise de frequências, estes exemplos do uso da Construção foram obtidos por busca dirigida (leitura direta ou busca eletrônica) conforme explicaremos a seguir.

Desta maneira, para a análise de frequências, os dados para contagem de ocorrências foram tomados ao acaso (ou seja, a pesquisa não foi induzida pela presença ou não da Modal com dar), constituindo um conjunto de 5.000 orações retiradas de dois *corpora*:

I. **Dados de fala:** 2.500 orações provenientes de duas entrevistas do Censo de Variação Lingüística do Programa de estudos sobre Os Usos da Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEUL/UFRJ) escolhidas ao acaso;

II. **Dados de interação *on-line* escrita:** 2.500 orações retiradas de “conversas” via programa de mensagens em tempo real pela Internet (*MSN Messenger*³⁸) também colhidas ao acaso.

Esses *corpora* foram escolhidos para a análise de frequências por terem em comum o fato de constituírem situações de interação *on-line*, seja face-a-face (entrevistas) ou através de mensagens escritas em tempo real que, tendo sido gravadas automaticamente pelo programa de mensagens (*MSN*), foram cedidas pelos usuários.

Para identificação dos dados do PEUL/UFRJ, utilizamos a classificação feita por Torrent (2005: 11-12), que identifica os entrevistados por número do informante na base de dados, sexo, idade e grau de escolaridade; acrescentamos, para diferenciá-los de outros dados, a sigla PEUL. Assim, os dados das duas entrevistas utilizadas são identificados como: (PEUL-58m10a2efcurs), que significa, informante nº 58, sexo masculino, 10 anos, 2ª série do Ensino Fundamental em curso; e (PEUL-01m18a4efcomp), ou seja, informante nº 01, sexo masculino, 18 anos, Ensino Fundamental completo. As ocorrências, neste *corpus*, de Modais com verbo dar podem ser vistas no Anexo A, item I.

Criamos classificação semelhante para os dados de mensagens *on-line*, que foram indexados com a sigla MSN, seguida da identificação dos dois participantes da “conversa”. A identificação desses dois participantes foi feita por sexo (letras m ou f), idade (apenas números) e grau de escolaridade (Ensino Médio incompleto: mi; superior: s; ou superior incompleto: si); a identidade de cada participante foi separada por barra (/), por exemplo: (MSN-m26s/m26s) significa que são dois participantes do sexo masculino, ambos com 26 anos de idade e ensino superior completo. As ocorrências, neste *corpus*, de Modais com verbo dar podem ser vistas no Anexo A, item II.

³⁸ *MSN Messenger*: contração de *Microsoft Network Messenger*.

A contagem das orações foi realizada manualmente, ou seja, sem a ajuda de qualquer programa de análise de frequências; para garantir a acuidade dos resultados, foi repetida duas vezes. Desta maneira, foram obtidos dados absolutos e também relativos:

- (i) da frequência de orações Modais no total de orações;
- (ii) da frequência das Modais com o verbo dar no total de Modais encontradas e
- (iii) da distribuição de frequências dos tipos de Modais (de Raiz, Deônticas e Epistêmicas) tanto nas orações com o verbo dar quanto nas outras Modais.

Com o intuito de observar os usos da Construção Modal com dar em gêneros textuais diversificados, realizamos um levantamento de dados por pesquisa direta em diferentes fontes (leitura de livros e periódicos impressos) e também utilizamos ferramentas de busca eletrônica que nos permitiram localizar ocorrências em variados gêneros textuais. Acrescentados os dados desta busca induzida aos encontrados aleatoriamente nos dados do PEUL e do *MSN*, encontramos um total de 100 exemplos do uso da Modal com o verbo dar.

Abaixo, trazemos a relação das fontes dos diferentes gêneros de texto que pesquisamos procurando evidências do uso da Construção Modal com o verbo dar, assim como os critérios para a indexação dos exemplos utilizados:

(a) **Literatura Brasileira:** após leituras e releituras de textos do início do século XIX e da busca direta em livros da atualidade, foram encontradas ocorrências em um conto de Machado de Assis e em dois livros da literatura infanto-juvenil. Tais fontes são indicadas convencionalmente, ou seja: autor, ano da publicação e página (ver Anexo A, item III).

(b) **Textos de *blogs***³⁹: utilizando como ferramenta de pesquisa na Internet o site de busca *Google*, encontramos ocorrências da construção modal com DAR nesses “diários virtuais”; os exemplos foram indexados com *WEB* e o número que remete ao endereço eletrônico de onde foram extraídos (ver Anexo A, item IV).

³⁹ *Blogs (WEBLOGS)*: são textos escritos em páginas pessoais criadas por usuários da Internet, correspondendo a uma espécie de diário virtual compartilhado publicamente e cuja linguagem é permeada de jargões e muito próxima à oralidade.

(c) **Música Popular Brasileira:** numa busca em sites de Internet que oferecem letras de músicas, várias foram as ocorrências da Construção Modal com verbo dar. Neste caso, as orações receberam as iniciais MB seguidas do número correspondente à canção de onde foram retiradas (ver Anexo A, item V).

(d) **Periódicos *on-line* e impressos:** os Anexos B e C trazem, respectivamente, um exemplo de idiomatização da Modal com dar retirado de revista impressa e textos obtidos através da ferramenta de busca do periódico eletrônico *Folha Online*; textos nos quais destacamos as ocorrências da Construção buscada.

4.3. Análise de frequências dos padrões da Construção Modal

Conforme explicitado anteriormente, realizamos contagem manual das ocorrências de orações modais numa amostra de 5.000 orações. As tabelas e os gráficos a seguir demonstram os resultados obtidos nesta amostragem colhida aleatoriamente.

Inicialmente, observemos o que revelam os dados de 2.500 orações provenientes de “conversas” via *MSN*. Conforme já afirmamos, tal *corpus* foi escolhido por compor, juntamente com os dados de entrevistas do PEUL-UFRJ, situações de interação *on-line* entre dois “falantes”: apesar de escritas, as mensagens via *MSN* são fortemente oralizadas.

Na Tabela 1, apresentamos os números absolutos e relativos das orações modais e não-modais; assim como a distribuição de frequência, no total de modais, das categorias Epistêmicas, Deônticas ou de Raiz - com ou sem o Verbo dar.

Tabela 1: Frequência de Ocorrências de Orações Modais em Conversas no *MSN Messenger*.

Tipo de Oração	Frequência de Ocorrências no MSN	Frequência de Ocorrências no MSN (%)	Frequência de Ocorrências dos Tipos de Modalidade no MSN (%)
Total de Orações	2500	100,00%	
Orações Não Modais	2320	92,80%	
Orações Modais	180	7,20%	100,00%
Modais Epistêmicas	88	3,52%	48,89%
Modais Epistêmicas com DAR	0	0,00%	0,00%
Modais Deônticas	78	3,12%	43,33%
Modais Deônticas (sem DAR)	75	3,00%	41,67%
Modais Deônticas com DAR	3	0,12%	1,67%
Modais de Raiz	14	0,56%	7,78%
Modais de Raiz (sem DAR)	1	0,04%	0,56%
Modais de Raiz com DAR	13	0,52%	7,22%

Notamos que, nas 2.500 orações provenientes das mensagens *on-line*, existem 180 orações modais, das quais apenas 16 são Modais com dar, que representam 0,64% do total de orações e 8,89% do total de modais. Os gráficos a seguir nos permitirão melhor visualização da distribuição de frequência dos tipos/categorias de modais encontradas.

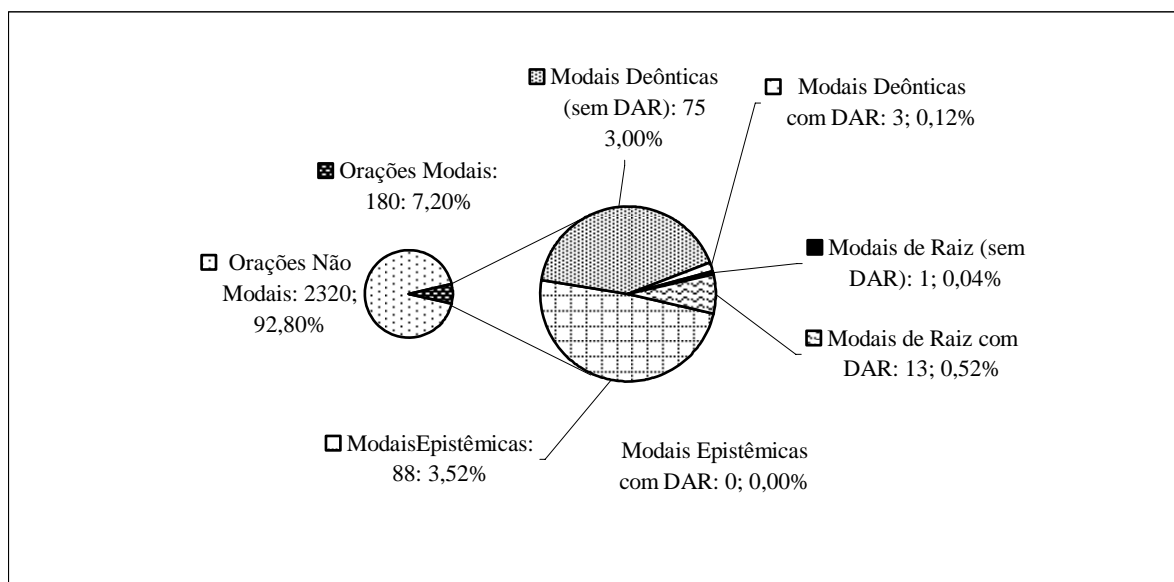


Fig. 6: Frequência de Ocorrências de Orações Modais em Conversas no *MSN Messenger* (2.500 orações).

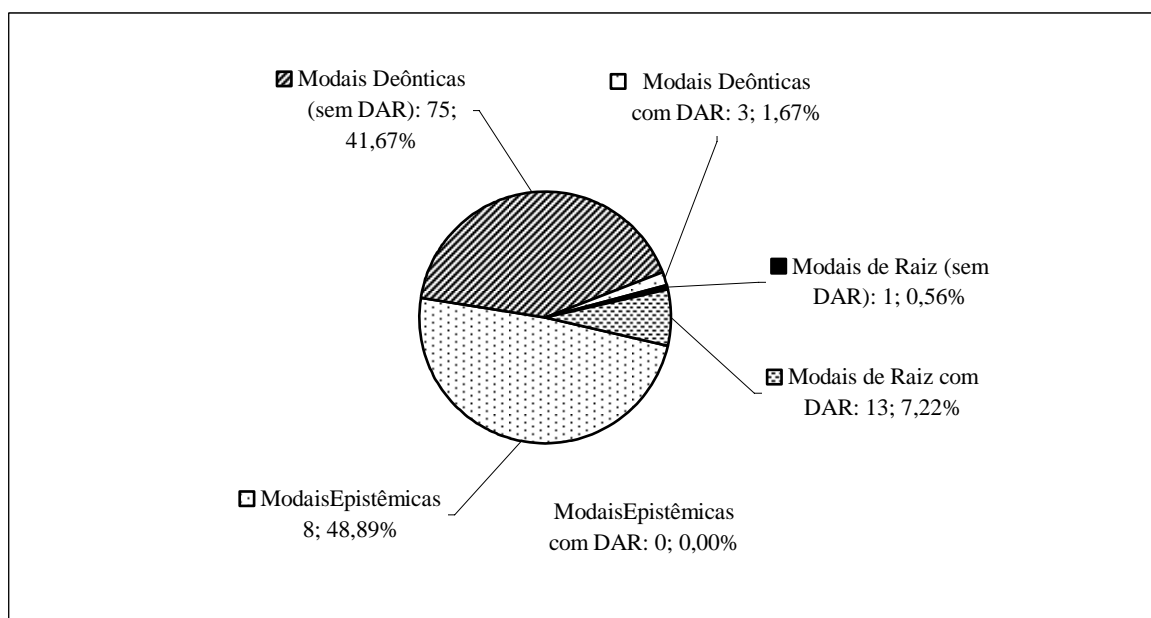


Fig. 7: Frequência de Ocorrências por Tipo de Modalidade nas Orações Modais em Conversas no *MSN Messenger* (orações modais encontradas: 180).

Conforme indicam os gráficos, as orações Modais Epistêmicas prevalecem: 88 orações, que representam 48,89% das modais e 3,52% do total de orações. Entre as Modais Deônticas, o segundo tipo mais freqüente, 75 ocorrências não apresentaram o uso do verbo dar, o que equivale a 41,67% das orações modais e a 3% do total de orações. Houve apenas uma ocorrência de Modal de Raiz sem o verbo dar (0,04% do total de orações e 0,56% dentre as modais).

Considerando as variedades de usos das Construções Modais com dar, temos que as mais freqüentes foram as de Raiz: 13 orações, que representam 0,52% do total de orações e 7,22% das modais. A seguir, aparecem três ocorrências de Modais Deônticas (0,12% do total de orações e 1,67% das modais encontradas). Apesar da maior incidência das orações Modais Epistêmicas, em termos globais não foram encontradas Modais Epistêmicas com o verbo dar.

Vejamos agora o comportamento da Construção Modal com dar no *corpus* constituído por amostra de 2.500 orações encontradas em duas entrevistas do PEUL-UFRJ tomadas ao acaso. A tabela 2 nos apresenta uma panorâmica dos resultados encontrados e os gráficos que a seguem (figuras 8 e 9) oferecem visualização mais clara da proporção das freqüências-tipo.

Tabela 2: Freqüência de Ocorrências de Orações Modais em Entrevistas do PEUL-UFRJ.

Tipo de Oração	Freqüência de Ocorrência no PEUL	Freqüência de Ocorrência no PEUL (%)	Freqüência de Ocorrência dos Tipos de Modalidade no PEUL (%)
Total de Orações	2500	100,00%	
Orações Não Modais	2316	92,64%	
Orações Modais	184	7,36%	100,00%
Modais Epistêmicas	121	4,84%	65,76%
Modais Epistêmicas com DAR	0	0,00%	0,00%
Modais Deônticas	55	2,20%	29,89%
Modais Deônticas com DAR	0	0,00%	0,00%
Modais de Raiz	8	0,32%	4,34%
Modais de Raiz (sem DAR)	1	0,04%	0,54%
Modais de Raiz com DAR	7	0,28%	3,80%

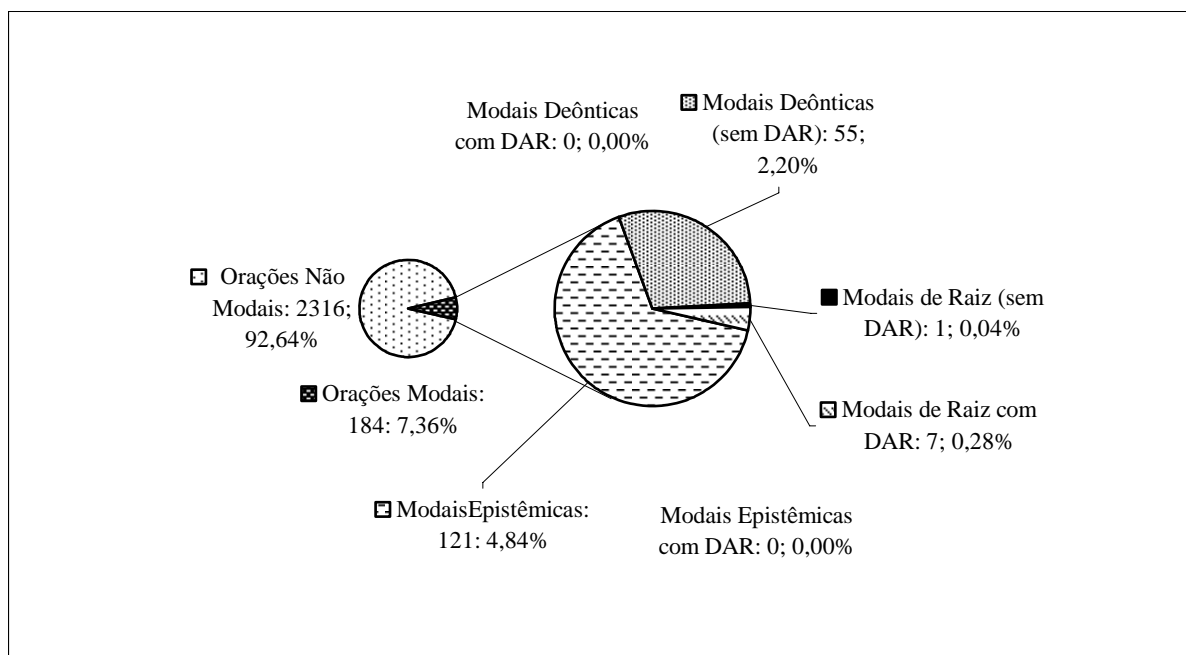


Fig. 8: Frequência de Ocorrências de Orações Modais em Entrevistas do PEUL-UFRJ (2500 orações).

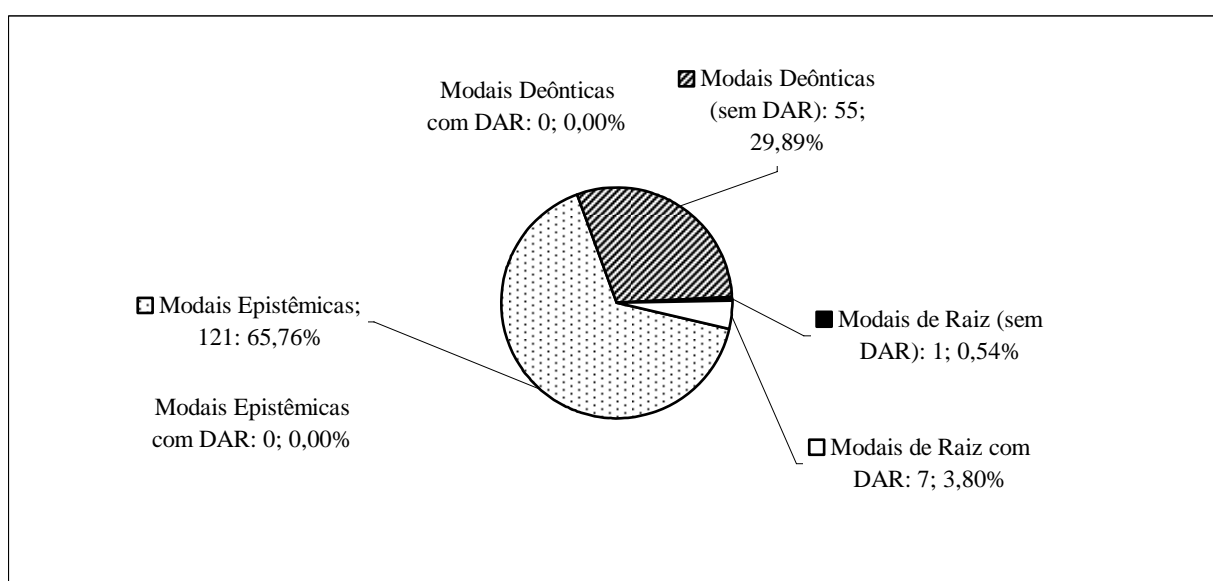


Fig. 9: Frequência de Ocorrências por Tipo de Modalidade nas Orações Modais em Entrevistas do PEUL-UFRJ (orações modais encontradas: 184).

Como podemos perceber, as características comuns dos *corpora* escolhidos (textos oralizados, de interação em tempo real) nos permitem observar resultados próximos. O número total de Modais foi semelhante: 180 no *MSN* e 184 no PEUL-UFRJ. Dentre as 184 Modais encontradas nos dados das entrevistas, também ocorreu predominância das Modais

Epistêmicas (121 orações; equivalentes a 4,84% do total e a 65,76% das Modais), sem ocorrência de Modal Epistêmica com dar. Já as Modais Deônticas representaram 2,2% do total de orações (55 ocorrências; 29,89% das Modais). Não foram registradas, na amostra de dados do PEUL-UFRJ, orações Modais Deônticas com dar. Entre as Modais de Raiz, temos (assim como nos dados do *MSN*) apenas uma ocorrência sem o verbo dar. A modalidade de Raiz continuou a ser a frequência-tipo predominante da Construção apesar da redução do número de ocorrências em relação aos dados anteriores: observamos sete Modais de Raiz com o verbo dar (0,28% do total de orações; 3,8% das Modais encontradas).

Considerados em conjunto, os dados perfazem uma amostragem de 5.000 orações. A tabela 3 demonstra o total de ocorrências, em números absolutos e relativos, das orações modais e não-modais e a distribuição das frequências dos usos (Epistêmicos, Deônticos ou de Raiz - com ou sem o Verbo dar) no total de modais.

Tabela 3: Frequência de Ocorrências de Orações Modais no Corpus Analisado.

Tipo de Oração	Frequência de Ocorrência no Corpus	Frequência de Ocorrência no Corpus (%)	Frequência de Ocorrência dos Tipos de Modalidade no Corpus (%)
Total de Orações	5000	100,00%	
Orações Não Modais	4636	92,72%	
Orações Modais	364	7,28%	100,00%
Modais Epistêmicas	209	4,18%	57,42%
Modais Epistêmicas com DAR	0	0,00%	0,00%
Modais Deônticas	133	2,66%	36,54%
Modais Deônticas (sem DAR)	130	2,60%	35,71%
Modais Deônticas com DAR	3	0,06%	0,82%
Modais de Raiz	22	0,44%	6,04%
Modais de Raiz (sem DAR)	2	0,04%	0,55%
Modais de Raiz com DAR	20	0,40%	5,49%

As 364 orações modais encontradas representam, então, 7,28% do total de orações analisadas. Destas, apenas 23 são Modais com dar, que representam 0,46% do total de orações e 6,31% do total de modais.

Os gráficos abaixo (figuras 10 e 11) facilitam a visualização da distribuição das freqüências, por tipo de Modalidade, encontradas nas 5.000 orações analisadas.

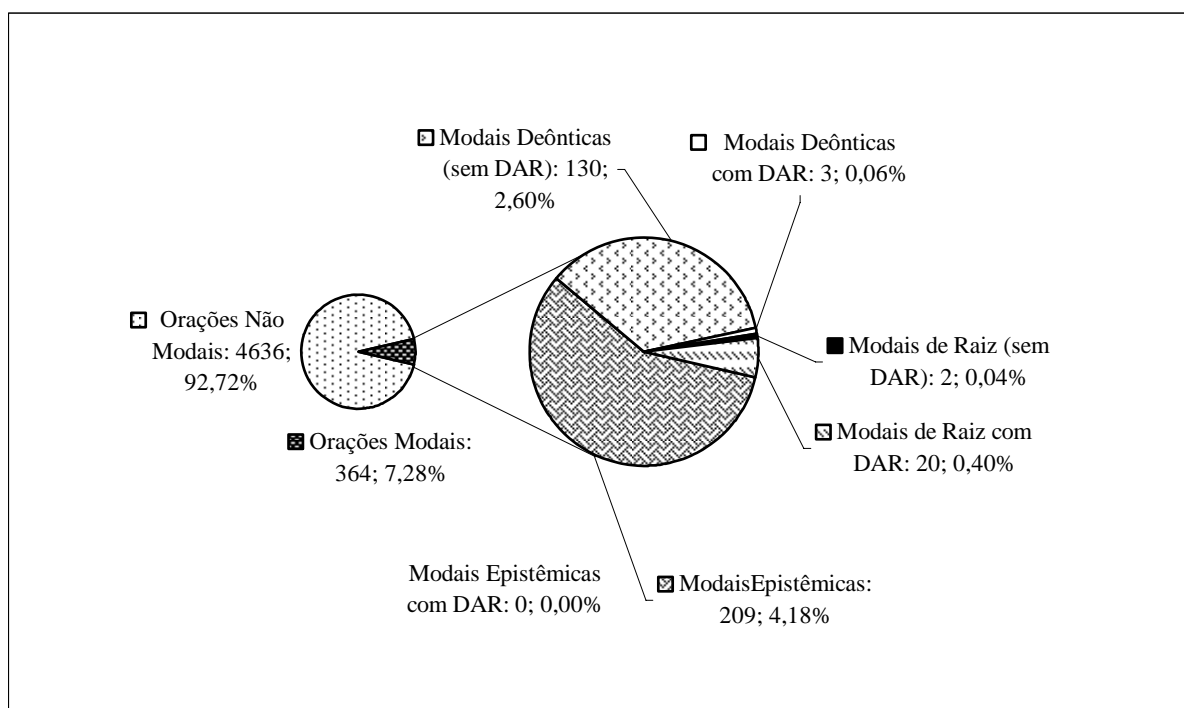


Fig. 10: Frequência de Ocorrências de Orações Modais no Corpus Analisado (total de orações analisadas: 5000).

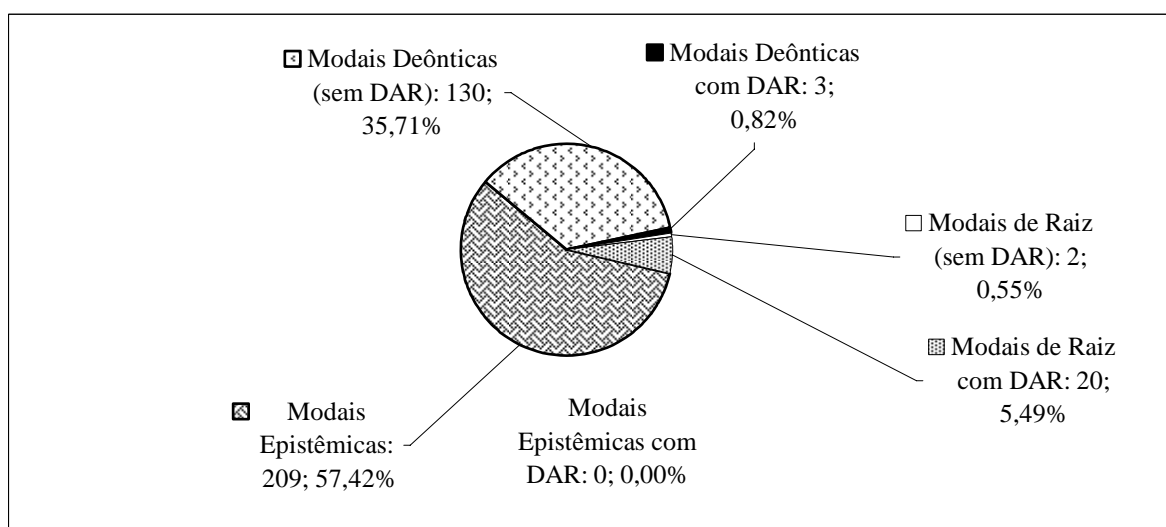


Fig. 11: Frequência de Ocorrências por Tipo de Modalidade nas Orações Modais no Corpus Analisado (total de orações modais encontradas: 364).

Observando os gráficos, vemos que as orações Modais Epistêmicas são majoritárias entre as modais encontradas: 209 ocorrências, equivalentes a 57,42% das modais e a 4,18% do total de orações. Apesar desta maior incidência, não foram encontradas Modais Epistêmicas com o verbo dar.

O segundo tipo mais freqüente entre as orações Modais foram as Deônticas: 133 ocorrências (36,54% das orações modais; 2,66% do total de orações). Entre estas, apenas três Construções Modais com o verbo dar, representando somente 0,82% das modais e 0,06% do total de orações.

Assim, considerando as freqüências das Construções Modais com dar, observamos que as mais freqüentes foram as Modais de Raiz: 20 orações, que representam 0,4% do total de orações e 5,49% das modais encontradas. Apenas duas ocorrências de Modal de Raiz sem o verbo dar foram identificadas (0,04% do total de orações e 0,55% dentre as modais).

Confrontando os resultados da análise de freqüência às nossas hipóteses de trabalho, podemos observar, sobre a Construção Modal com o verbo dar, que:

(i) **trata-se de uma nova construção**, uma vez que, num total de 364 orações modais encontradas, apenas 23 eram Modais como verbo dar, ou seja, aproximadamente 6,31% do total de Modais. Comparando tal achado com os dados obtidos no segundo momento da pesquisa (procura por ocorrências da Construção em outros gêneros textuais) notamos que são poucas as ocorrências em gêneros escritos (quando ocorrem, quase sempre expressam a fala de personagens ou depoimentos), o que interpretamos como mais um indício da juventude da Construção;

(ii) **a emergência dos usos Modais se dá dos usos de Raiz para os usos Epistêmicos** (o que confirma as proposições da literatura apresentada no capítulo terceiro); de fato, os dados numéricos comprovam que **a modalidade expressa pela Construção Modal com dar**

é **majoritariamente a modalidade de Raiz** (5,49% do total de ocorrências modais), a construção mais básica; seguida pelos usos Modais Deônticos (0,82% das modais);

(iii) não foram encontrados usos Epistêmicos da Construção Modal com dar entre as 5.000 orações tomadas ao acaso para a análise de frequências, o que é perfeitamente consistente com **um processo de gramaticalização/idiomatização em curso**. Contudo, na pesquisa induzida (que nos levou a um total de 100 ocorrências da Construção), a procura por ocorrências em textos da literatura infanto-juvenil (bastante oralizados) revelou um uso claramente avaliativo da Modal com o verbo dar na fala de um personagem: “*A lava ainda está longe, dá tempo pra gente chegar do outro lado.*” (Gomes 1997:70)

A centena de ocorrências de usos da Construção Modal com o verbo dar, extraída de um diversificado *corpora* através de busca direta ou eletrônica, demonstra um processo de gramaticalização/idiomatização em curso, pois, conforme Hopper & Traugot 2003 (recenseado no capítulo dois), coexistem usos que atestam os mecanismos de gramaticalização da Construção.

A **destransitivização, com favorecimento da forma impessoal**: entre as 100 ocorrências encontradas, percebemos claramente o predomínio de Construções que sofreram importante anulação da grade argumental e podemos observar que **a forma impessoal é majoritária** (o que confirma as predições de Salomão 2007 apontadas no capítulo terceiro). Construções do tipo “*Se você não tem banda larga, ϕ dá ϕ pra ϕ encarar essa quantidade de atualizações do Windows XP?*” (WEB7); “ *ϕ Dá ϕ pra ϕ perceber que sua companheira está passando muito tempo com o bebê quando...*” (Brett 2007:86) perfazem 58% das ocorrências. Contudo, confirmando Hopper & Traugot 2003, coexistem usos com outras conformações na grade argumental: *Nem agradeceu, que ϕ não deu tempo pra ϕ isso.* (Lemos 1995:20); *A lava ainda está longe, ϕ dá tempo pra gente chegar do outro lado.* (Gomes 1997:70).

A **analogia**: que permite construções em que subjaz a noção de RECURSO: *Dá e sobra pra gente voltar pra casa* (Gomes 1997:101); *Eu disse que 40 latinhas naum ia dar pra nós 3!* (WEB11).

O surgimento de **idiomatismos**: como observamos nas fórmulas “*e essas fotos que não vem, assim não dá*” (MSN – m32s/f21si); “*Não dá pé*” (Anexo B) e “*O seu amor ou o meu? Não dá.*” (MB5).

Confirmadas, assim, as hipóteses de que **a Construção Modal com o Verbo dar é uma nova construção, cuja emergência da se dá gradualmente pelo crescimento das frequências nas variedades de seu uso, a saber, dos usos de Raiz para os usos Epistêmicos**; resta demonstrar, através de dados do uso, que **se trata de uma Construção motivada, por múltipla herança, da Construção de Transferência de Posse**.

Depois de leituras e releituras de obras literárias e pesquisas em textos do início do século XIX, na busca de indícios dos mecanismos iniciais da gramaticalização da Construção Modal, o “bruxo do Cosme Velho” apresentou-nos o seguinte uso do verbo dar

Morava então em casa de seu pai uma prima de Simão, órfã de pai e mãe, que haviam por morte deixado ao pai de Simão o cuidado de a educarem e manterem. Parece que os cabedais deste deram para isto. Quanto ao pai da prima órfã, tendo sido rico, perdera tudo ao jogo e nos azares do comércio, ficando reduzido à última miséria. (ASSIS 1994 [1870]:161)

Não se trata, ainda, da Construção Modal com dar impessoal que hoje observamos. Pelo contrário, notemos que o verbo dar aparece num contexto de uso específico, integrando os riquíssimos recursos estilísticos e retóricos da obra machadiana. Como propõem Hopper & Traugott 2003, temos um exemplo de **mudança num só contexto**: a condição semântico-pragmática de uso do verbo impulsiona o processo de gramaticalização.

O emprego estilizado do verbo no texto de Machado de Assis nos permite demonstrar que a Construção de Transferência de Recurso (herdeira, por sua vez, da Construção de

Transferência de Posse, conforme Salomão 2007) subjaz ao novo emprego do verbo dar.

Utilizando informações contextuais, percebemos que (28) pode ser lida como (29) e (30):

(28) *Os cabedais deste **deram** para isto.*

(29) *Os cabedais deste **foram suficientes** para isto.*

(30) *Os recursos financeiros do pai de Simão **deram** o sustento e a educação **para** a prima órfã.*

Assim, (29) e (30) demonstram que a noção de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, canonicamente atribuída ao verbo dar, projeta a noção de TRANSFERÊNCIA DE RECURSO, impulsionando o processo de gramaticalização/idiomatização da Construção Modal com o verbo dar.

Neste uso do verbo dar na obra machadiana, podemos também começar a acompanhar o processo de **reanálise** que se inicia. Não ocorre ainda a perda de flexão, ou seja, a conjugação, na terceira pessoa do plural, é a de um verbo pleno regido pelo sujeito *os cabedais deste*. Por outro lado, a significação do verbo dar como SER SUFICIENTE conduz a uma poda argumental: *Os cabedais deste **deram** \emptyset para \emptyset isto.* – indício do processo de **destransitivização** que se inicia.

5. CONCLUSÕES

Uma vez que nos propusemos a realizar um estudo, baseado em dados de uso, do processo de gramaticalização/idiomatização da Construção Modal com o Verbo dar no Português do Brasil, podemos concluir, inicialmente, que a análise dos dados confirma as predições da literatura sobre o fenômeno. Deste modo, comprovamos a emergência da Construção motivada por múltipla herança da Construção de TRANSFERÊNCIA DE POSSE (conforme Salomão 2007) e acompanhamos os mecanismos de gramaticalização propostos por Hopper & Traugot 2003: a mudança a partir de um determinado contexto, a reanálise, a deansitivização generalizando-se por analogia, o surgimento de idiomatismos e a coexistência dos diferentes usos que atestam o curso do processo.

A partir da análise de frequências, concluímos que **a Construção Modal com o Verbo dar constitui uma nova Construção**, o que sustentamos devido à sua presença minoritária entre as orações modais encontradas e as raras ocorrências em textos não-oralizados.

A distribuição de frequências nos dados pesquisados aponta **o predomínio da aceção mais básica entre as modais, a Modalidade de Raiz**, enquanto a Modalidade Deontica ocupa o segundo lugar e não foram encontradas ocorrências da Modalidade Epistêmica.

Desde modo, podemos resumir as principais conclusões deste estudo afirmando que **a Construção Modal com o Verbo dar é uma nova construção, cuja emergência da se dá gradualmente pelo crescimento das frequências nas variedades de seu uso, a saber, dos usos de Raiz para os usos Epistêmicos.**

Acreditamos que o aprofundamento da análise de frequências talvez nos trará, em estudos futuros, evidências numéricas de outros usos modais no Português do Brasil, uma vez que foi possível localizar, após extensa busca, um único uso claramente avaliativo da Construção.

Considerando as hipóteses gerais norteadoras desta pesquisa, que aborda o processo de gramaticalização/idiomatização da Construção Modal com dar, podemos concluir que:

(i) se a gramática é uma rede de construções, motivada por relações de herança, podemos afirmar, frente as diferentes ocorrências Modais encontradas, que **os dados da língua em uso comprovam a emergência, no Português do Brasil, da Construção Modal com o verbo dar herdeira por múltipla herança da Construção de Transferência de Posse;**

(ii) partindo da hipótese de que as construções gramaticais emergem do uso via convencionalização dos padrões mais frequentes, cuja instanciação é motivada conceptualmente e discursivamente; temos que **as relações de herança estabelecidas entre as construções modais e a frequência majoritária da acepção mais básica – Modalidade de Raiz – direcionam a idiomatização do uso modal do verbo dar.**

Assim, podemos apontar, entre as contribuições mais relevantes deste estudo, que a presente análise demonstra o caráter dinâmico e emergente da gramática, como convencionalização de usos pragmaticamente relevantes e cognitivamente fundamentados.

BIBLIOGRAFIA

BARLOW, Michael & KEMMER, Suzane (org.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. vii-xxviii.

CUNHA, Lindley & CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CHOMSKY, Noam. *Aspects in the theory of syntax*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1965. Cap 1, p. 84-146.

_____. *On nature and language*. (Ed. by A. BELLETTI and L. RIZZI) Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 92-161.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p. 1-71.

_____. & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. Nova York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FILLMORE, Charles J. *Innocence: a second idealization for linguistics*. Proceedings of the Fifth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. UCLA, Berkeley, 1979.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, Paul J. *On some principles of Grammaticalization*. in: TRAGOTT, Elizabeth C. & HEINE, Bernd (org.). *Approaches to Grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1991. v. 1, p. 17-35.

_____. & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. 2a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [c1993].

HOUAISS, Antonio (ed.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACKENDOFF, Ray. *Foundations of language*. New York: Oxford University Press, 2002.

LANGACKER, Ronald W. *A dynamic usage-based model*. in: BARLOW, Michael & KEMMER, Suzane (org.). *Usage-based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 1-65.

LAKOFF, George *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Mara Sophia Zanoto (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002 [1980].

_____. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. Nova York: Basic Books, 1999.

LICHTENBERK, Frantisek. *On gradualness of Grammaticalization..* in: TRAGOTT, Elizabeth C. & HEINE, Bernd (org.). *Approaches to Grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1991. v. 1, p. 37-80.

MANDELBLIT, Nili. *Grammatical Blending: Creative and Schematic Aspects in Sentence Processing and Translation*. 1997. 298 f. Tese (PhD em Ciência Cognitiva) – University of Califórnia, San Diego – US, 1997.p.1-43.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. 1ª ed. São Paulo. Melhoramentos, 2004.

MIRANDA, Neusa Salim. O caráter partilhado da construção da significação. in: **Veredas** - revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora: UFJF, v.8, n.1, p.57-81, jan.-jun. 2001.

_____. Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. in: **Veredas** - revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora: UFJF, v.3, n.1, p.81-95, jan.-jun. 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2000.

PALMER, F.R. *A linguistic study of the English verb*. London: Longman, 1965. p. 1-18.

_____. *Mood and modality*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1986.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

SALOMÃO, M. M. M. *Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar*. 1990. 295 f. Tese (PhD em Linguística) – University of California, Berkeley – CA/USA, 1990.

_____. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *in: Veredas* – revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora: UFJF, v.1, n.1, p.23-39, jul.-dez. 1997.

_____. **O Processo Cognitivo da Mesclagem na Análise Lingüística do Discurso**. Juiz de Fora/ Rio de Janeiro: UFJF/ UERJ/ UFRJ - CNPq, 1999a (Projeto Integrado de Pesquisa – Grupo Gramática e Cognição).

_____. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *in: Veredas* – revista de estudos lingüísticos, Juiz de Fora: UFJF, v.3, n.1, p.61-79, jan.-jun. 1999b.

_____. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *in: Veredas* – revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora: UFJF, v.6, n.1, p.61-74, jan-jun. 2002.

_____. *The metaphoric grounding of grammar: the Modal construction with “give” in Brazilian Portuguese*. In: *The 33th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California, Berkeley, CA/USA, 2007. *Proceedings*.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1990.

TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. Vol.1. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2000.

THOMPSON, Sandra A. & MULAC, Anthony. *A quantitative perspective of Grammaticalization of epistemic parentheticals in English*. in: TRAGOTT, Elizabeth C. & HEINE, Bernd (org.). ***Approaches to Grammaticalization***. Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1991. v. 1, p. 313-329.

TOMASELLO, Michael. ***The cultural origins of human cognition***. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1999. p. 1-12, p. 201-217.

TOMASELLO, Michael. ***Constructing a Language: a usage-based theory of language acquisition***. Cambridge, Mass. and London, UK: Harvard University Press, 2003.

TORRENT, Tiago T. **“O homem vai botar uma casa para mim morar”** – uma abordagem sociocognitivista e diacrônica da construção de dativo com infinitivo. 2005 p.77. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

TURNER, Mark. ***The literary mind***. New York, Oxford: Oxford University Press, 1996. p. 3-11.

ANEXO A – OCORRÊNCIAS E RESPECTIVAS REFERÊNCIAS

I. Do Censo de Variação Lingüística do Programa de Estudos sobre Os Usos da Língua da UFRJ (PEUL/UFRJ)⁴⁰ – **todas são ocorrências de modalidade de raiz:**

1. PEUL-58m10a2efcurs: "Mas **deu pra ver** ou foi sorte?" (numa brincadeira de quebrar uma moringa com um bastão estando com os olhos vendados).
2. PEUL-58m10a2efcurs: "Aí não **dava para mim fazer** tudo ao mesmo tempo" (o dever de casa e também o 'castigo' que a professora mandou copiar em casa).
3. PEUL-58m10a2efcurs: "Num morro assim **não dá não**" (para fazer festa de aniversário porque os vizinhos são 'uns índios').
4. PEUL-58m10a2efcurs: "**Quase não dá tempo**" (para jogar futebol porque estuda muito).
5. PEUL-58m10a2efcurs: "A gente fica na janela **que dá pra ver o refeitório**" (de castigo na sala de aula, alguns alunos vigiam a professora enquanto os demais fazem bagunça).
6. PEUL-01m18a4efcomp: "O que **dá pra fazer lá** (no bairro) contando os vizinhos?"
7. PEUL-01m18a4efcomp: "**Não dá pra fazer nada.**" (pois os vizinhos não são cooperativos)

II. De interação on-line escrita via *MSN Messenger* (programa de mensagens em tempo real). A identificação dos dois participantes foi feita por sexo (letras m ou f), idade (apenas números) e grau de escolaridade (superior: *s* ou superior incompleto: *si*) e separada por barra (/). À exceção das três ocorrências **deônticas** indicadas, as demais são **modais de raiz:**

MSN – m32s/m26s: "**Vai dar não**" (para concluir um trabalho até certa data); "**Se der dou** um pulo na sua casa" (tempo, após um compromisso).

MSN – m26s/m22si: "só **dá pra ver** um lado" (de uma fotografia); "**não deu pra ver** a foto".

MSN – m26s/m27s: "inicialmente **dá sim**" (é permitido usar determinada regra na elaboração de um personagem de RPG = **modal deôntica**).

MSN – m26s/m26s: "**O CS (Counter Strike) dá pra jogar**" (um jogo eletrônico dá a opção de jogar sozinho ou em rede); "**Deu tempo para copiar o arquivo?**" "**Deu.**"; "**dá para rodar aqui**" (o computador do falante consegue rodar um jogo muito "pesado").

MSN – m26s/f22si: "**não vai dar pra eu ir**" (à orientação de trabalho com um professor) "vê se **dá pra vc ir** lá na segunda ou pra marcarmos outro dia..." (interrogativa indireta, permissão solicitada para mudar a data da orientação = **modal deôntica**) "na segunda **naum vai dar**" (permissão negada = **modal deôntica**).

MSN – m32s/f21si: "e essas fotos que não vem, **assim não dá**"; "mas não **dá pra mandar**" (por e-mail, o arquivo é muito grande).

MSN – m26s/m22si: "acho que **num vai dar pra** jogar antes de jan/07"; "e as fotos do orkut? **Deu pra** rir bastante?"

⁴⁰ Conforme classificação de TORRENT (2005: 11-12): 58m10a2efcurs = informante nº 58, sexo masculino, 10 anos, 2ª série do Ensino Fundamental em curso; 01m18a4efcomp = informante nº 01, sexo masculino, 18 anos, Ensino Fundamental completo.

III. Da Literatura Brasileira:

LEMOS, Roberto Jenkins de. **Sendo o que se é**. São Paulo: Saraiva, 1995.

Ocorrências (apenas as marcadas com asterisco* não são falas de personagens): “Por ali nem pensar! E pelo buraco **não dá...**” - p.10; “Seu velho era um cara legal. **Dava pra conversar*** com ele.” – p.12; “Ser médico de criança ainda **dava pra encarar***.” – p.13; “É, não **dá pra entrar.**”- p.20; “Nem agradeceu, que **não deu tempo pra isso***.” – p.20; “**Dá pra sacar** que ir pro juizado ou pra delegacia é pior que morrer?” - p.61.

GOMES, Álvaro C. **No tempo dos dinossauros**. São Paulo: Quinteto, 1997.

Ocorrências (todas são falas de personagens): “**Não dá**, Joe, a máquina só volta no tempo.” - p. 43; “Quanto a esse problema, acho que **dá pra resolver.**” - p.65; “A lava ainda está longe, **dá tempo pra gente chegar** do outro lado. (...) **Não dá pra subir!**” - p.70; “Acho que **dá pra atravessar** por aqui” - p.78; “**Dá e sobra pra gente voltar** pra casa”- p.101.

ASSIS, Machado de. Frei Simão [1870]. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v.II. Disponível em <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/machadodeassis/contosfluminenses/freisimao.html>>. Acessado em 8 de agosto de 2006.

Ocorrência: “Parece que **os cabedais deste deram para isto.**” p.160.

BRETT, Simon. **Dicas para pais de primeira viagem**. São Paulo: Publifolha, 2007.

Ocorrência: “**Dá pra perceber** que sua companheira está passando muito tempo com o bebê quando (...)”. p.86.

IV. De Blogs da Internet:

WEB 1: Endereço: <http://spaces.msn.com/members/gemimaa/blog>

Nome do texto: Vou tirar umas férias do spaces (postado em 09/05/05)

Data da captura: 18/08/2005

Ocorrências: “(...) em julho vou fazer uma cirurgia, nesse período **não vai dar pra eu viajar** (...)”; “Ontem foi dia das mães, **não deu pra eu fazer** alguma homenagem, quase não entrei na net...”

WEB 2: Endereço: <http://mulheresde30.com.br/dia-dos-pais/>

Nome do texto: Dia dos pais

Data da captura: 20/09/2005

Ocorrência: “Dia de um cara que, na véspera da cirurgia comentou à minha mãe, com todo o bom humor: ‘eles vão tirar o tumor que está pressionando o coração, daí vai **dar pra ler** seu nome escrito lá’ (...)”.

WEB 3: Endereço: <http://www.danomesmo.blogger.com.br/>

Nome do texto: Todo carnaval tem seu fim. (postado em 09/03/06)

Data da captura: 11/12/2006

Ocorrências: “Foi tanta cerveja que eu nem sei explicar, e mesmo que soubesse, vocês não entenderiam, **dá pra entender?**”; “Sem placa de som **não dá pra ser feliz**”.

WEB 4: Endereço: <http://www.techbits.com.br>

Nome do texto: Dá pra confiar na Microsoft? (postado em 10/09/06)

Data da captura: 11/12/2006

Ocorrências: “**Dá pra confiar** na Microsoft?”; “A questão que surgiu naquela época e que voltou à tona agora é: **dá pra confiar** a segurança do seu computador à Microsoft, sabendo que é ela mesma quem produz o Windows cheio de problemas?”.

- WEB 5:** Endereço: <http://www.oficinadeestilo.com.br/blog/>
 Texto postado em 08/08/2006.
 Data da captura: 11/12/2006
 Ocorrências: “(...) A Cris sempre amou esse jeito de prender o cabelo - é muuuito chique mesmo! (...) **Dá pra fazer** com grampinho ou com fivelinhas tipo tic-tac (é assim?!?) e não tem como não ficar fofo.”
- WEB 6:** Endereço: <http://www.verbeat.org/blogs/eporaqui/arquivos>
 Nome do texto: Uma autobiografia (postado em 26/08/2004).
 Data da captura: 11/12/2006
 Ocorrências: “**Dá pra contar** uma história olhando os diários de alguém, olhando as fotos de alguém, olhando o guarda-roupa de alguém e sua evolução (ou involução, claro) ao longo do tempo, olhando as pessoas ao seu redor, o tipo de comida, o jeito de andar. E **dá pra contar** minha história, por exemplo, partindo das coleções de livros sobre as quais me debrucei”.
- WEB 7:** Endereço: <http://www.babooblogs.com.br/blogs/highlander/archive>
 Texto postado em 20/03/2007.
 Data da captura: 01/04/2007
 Ocorrências: “Se você não tem banda larga, **dá pra encarar** essa quantidade de atualizações do Windows XP?.”
- WEB 8:** Endereço: <http://www.verbeat.org/blogs/afonsochato/arquivos/>
 Nome do texto: Dá pra agüentar? (postado em 19/12/05).
 Data da captura: 01/04/2007
 Ocorrência: “**Dá pra agüentar?**”
- WEB 9:** Endereço: <http://www.blogdavalli.com.br/index.php>
 Nome do texto: Sempre dá pra ficar pior. (postado em 01/06/07).
 Data da captura: 01/08/2007
 Ocorrências: “Sempre **dá pra ficar** pior”; “Pra quem acreditava que **não dava mais para piorar** o nível dos políticos desse bizarro país chamado Brasil, vem aí uma nova leva dessa raça que está se filiando ao PTB (onde mais poderia ser além do Partido de Roberto Jefferson?)”.
- WEB 10:** Endereço: <http://100pocentofilhosdosol.zip.net/>
 Texto postado em 04/07/2004
 Data da captura: 18/08/2005
 Ocorrência: “Oi gente!!! Nesse blog **vai dar pra vcs** perceberem o quanto eu amo o Filhos do Sol, principalmente o Ralado e o Kaleo”
- WEB 11:** Endereço: <http://thigianakopoulos.zip.net>
 Texto postado em 15/11/2004
 Data da captura: 18/08/2005
 Ocorrência: “Eu disse que **40 latinhas naum ia dar pra nós 3!**”
- WEB 12:** Endereço: <http://mundodacryslaine.zip.net>
 Texto postado em 19/12/2004
 Data da captura: 18/08/2005
 Ocorrência: “Oi pessoal tudo bom ontem meu pai foi trabalhar de noite mas como ele dirige sozinho não **ia dar para ele ir** ontem,mas eu vou amanhã.”

V. Da Música Brasileira (as repetições das mesmas ocorrências foram contadas como uma só):

MB 1: GONZAGUINHA. Guerreiro Menino (um homem também chora). Intérprete: Fagner. *In: Palavra de amor.* [s.l.] CBS (Sony Music), 1983. LP.

Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas
Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço
Da própria candura
Guerreiros são pessoas
São fortes, são frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sonho
Que os tornem perfeitos
É triste ver este homem

Guerreiro menino
Com a barra de seu tempo
Por sobre seus ombros
Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
A dor que traz no peito
Pois ama e ama
Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E a vida é trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz

MB 2: DINHA. Ara ketu bom demais. Intérprete: Araketu. *In: Ara bom demais.* [s.l.] Columbia Music, 1994. CD.

Não dá prá esconder,
O que eu sinto por você ara,
Não dá, não dá, não dá,
Só sei,
Que o corpo estremece,
Que as pernas desobedecem
Inconscientemente a gente dança,
As mãozinhas então embalançam,
Quando passa eu vou atrás,

Só sei,
Que o ara ketu é bom demais,
Ê - ô
Ê - a - ê - a - ô
Dancei, eu quebrei, balancei, vibrei,
Ara ketu me fez dançar,
Bote as mãozinhas pro ar,
Ê - ô
Ê - a - ê - a - ô

MB 3: BARNABÉ, Arrigo. Já deu pra sentir. Intérprete: Itamar Assumpção. *In: Suspeito.* [s.l.] 3M, 1897. CD.

Já deu pra criar fama
Já deu pra sentir qual a trama
Quando eu nasci já tinha calor
Boca-de-siri, beijos de amor
Já deu pra saber quem me ama
Já deu pra sentir numa cama
Quando eu nasci já tinha a flor
O céu, javali, o cão caçador
A praia de Copacabana, minha mãe,
São Paulo, Havana
Quando eu nasci tinha, sim senhor,
Águia, paturi, camelo, condor

E as águas do Amazonas, os ratos, as rãs, ratazanas
Quando eu nasci já tinha terror
Sapo, sapoti, Cristo Redentor
Já deu pra saber dançar samba
Já deu para sentir pernas bambas
Quando eu nasci já tinha vapor
Little Richard já era cantor
Já deu para saber ser urbano
Já deu pra sentir ser humano
Quando eu nasci já tinha glamour
Pinel, Juqueri, Santos, Salvador

MB 4: GABRIEL, O PENSADOR. Não dá pra ser feliz. Intérprete: Gabriel, o pensador. *In: Nádegas a declarar*. [s.l.] Chãos/ Sony Music, 1989. CD.

Entregue à própria sorte, nessa selva, onde a lei é a
do mais forte, indefeso, carregando todo o peso
O homem não consegue suportar
Não sabe como lidar com a vida que a vida lhe dá
Está de mãos e pés atados, incapacitado de fazer o
que é capaz
Jaz morto-vivo no mundo
Reduzido a vagabundo
Sem poder sorrir, sem poder sonhar, sem poder,
Sempre no mesmo lugar
Sem trabalho, sem sustento, sem moral
Rendido, ao relento, feito um animal
"Eu vejo que ele berra, eu vejo que ele sangra
A dor que tem no peito, pois ama e ama..."
Não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz..."
O destino testa a sua paciência
Instigando o seu instinto de sobrevivência
Vergonha, estresse, medo
Engolindo seco, respirando azedo
O bicho-homem atrás de migalha
O homem-máquina precisando de batalha
Desativado, vivendo de favor
Lutador que não pode jogar a toalha
Tentando manter sua dignidade
À procura de uma oportunidade
Na guerra contra o tempo tá ficando tarde
Inocente cumpre pena num sistema covarde
"Guerreiros são pessoas tão fortes, tão frágeis

Guerreiros são meninos no fundo do peito...
Não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz..."
O homem, bicho, domesticado, se vê desesperado
se vê sua razão no mercado
Mas não pode pagar
E vê sua razão sem saber o que falar
E a necessidade lhe dizendo pra comer
Custe o que custar: matar, morrer...
"O homem também chora..."
O homem não é fera
Foi jogado fora
Foi violentado em seu direito de viver
Vive sem vontade, morre sem saber
Perde o equilíbrio, cai
Se destrói
E o mundo se distrai
O mundo se desfaz com tanta disputa
E faz que não escuta
A sua voz que diz:
"O que será que eu fiz?"
Só tenho cicatriz
Não dá pra ser feliz"
"O homem se humilha se castram seus sonhos
Seu sonho é sua vida e vida é trabalho
E sem o seu trabalho o homem não tem honra
E sem a sua honra, se morre, se mata
Não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz..."

MB 5: DALTO. Quase não dá pra ser feliz. Intérprete: Dalto. *In: Meus momentos*. [s.l.] EMI Music, 1996. CD.

Quanto mais te chamo
Você não vem
Será que ainda dorme comigo?
Será que ainda sonha?

Posso, mas não topo mais
Ficar sozinho
Me encontro no fim do caminho
Te encontro no fim

Largo tudo se você chegar agora
O amor tá em cima da hora
O seu amor ou o meu?
Não dá
Logo depois de amar
As lágrimas rolam e ninguém me diz
Não dá
Posso te esperar, ou não
Mas quase não dá para ser feliz

MB 6: CARVALHO, Beth. Não dá pra guardar. Intérprete: Beth Carvalho. *In: Das bênçãos que virão com os novos amanhã*s. [s.l.] RCS Victor, 1985. LP.

Dinheiro de pobre não dá pra guardar
Não dá, não dá
Quando mais ele ganha
Mais tem que pagar
Pagar, pagar
Pobre recebe no dia primeiro
No dia dois tá pedindo dinheiro
Ao patrão pra comprar o feijão

Ele paga o armazém
Deve lá na padaria
Não tá pendurado no açougue
Porque o açougueiro não fia
O dinheiro do biscate
Vem com praga de urubu
Se ele bota na poupança
Passa fome ou anda nu

MB 7: SANDY E JÚNIOR. Não Dá Pra Não Pensar. Intérpretes: Sandy e Júnior. *In: Sandy e Júnior.* [s.l.] Universal Music, 2001. CD.

Não dá pra não pensar em você

Tá cada vez mais difícil

Não poder te ver

O tempo e a distância entre nós

Não vão arrancar

A vontade que eu tenho aqui no peito

De te amar

De te amar

Já senti teu cheiro solto no ar

O teu gosto não saiu da minha boca

Fecho os olhos e posso te tocar

A saudade ta me deixando louca

Diz pra mim que a gente vai se encontrar

E que esse dia já ta quase chegando

E o meu coração, enfim, vai respirar

Vem que a nossa história ta começando

Não dá pra não pensar em você

Tá cada vez mais difícil

Não poder te ver

O tempo e a distância entre nós

Não vão arrancar

A vontade que eu tenho aqui no peito

De te amar

De te amar

Já senti teu cheiro solto no ar

O teu gosto não saiu da minha boca

Fecho os olhos e posso te tocar

A saudade ta me deixando louca

E se você não vier

Eu não vou aguentar

Se você demorar

De tristeza eu vou chorar

Não dá pra não pensar em você

Tá cada vez mais difícil

Não poder te ver

O tempo e a distância entre nós

Não vão arrancar

A vontade que eu tenho aqui no peito

Não dá pra não pensar em você

Tá cada vez mais difícil

Não poder te ver

O tempo e a distância entre nós

Não vão arrancar

A vontade que eu tenho aqui no peito

Não dá pra não pensar em você

Tá cada vez mais difícil

Não poder te ver

Não dá pra não pensar

Não dá, não dá...

Não vão arrancar, não

Eu só quero te amar

MB 8: SERGINHO & NANDO. Não dá pra ser feliz. Intérprete: Roupas Nova. *In: Através dos tempos.* [s.l.] Warner Music, 1997. CD.

Fui o primeiro a ter um sonho

E o último a acordar

Mesmo ferido aqui por dentro

Sempre soube perdoar

Quando ninguém acreditava

Eu só quis acreditar

E com teimosia de criança

Consegui recomeçar

Eu não desisti

Nenhuma vez de nós

Sempre ouvi a voz do coração

Mas, sem você aqui

Eu sou pequeno e só sei chorar

Mas, sem você aqui

Não dá pra ser feliz

Mas, sem você aqui

Eu sou pequeno e só sei chorar

Mas, sem você aqui

Não dá pra ser feliz

Mesmo no fim dos seus amores

Tinha flores pra te dar

Eu era inteiro num sorriso

E metade pra chorar

Tudo que a vida me negava

Ensinava uma lição

E pra lembrar que ainda te amava

Tinha sempre uma canção

Eu não me entreguei

Quando lutei por nós

Só segui a voz do coração

MB 9: CAMARGO, Zezé di & LUCIANO. Não dá pra esperar. Intérprete: Zezé di Camargo e Luciano. *In: Zezé di Camargo e Luciano*. [s.l.] Columbia/ Sony, 1995. CD.

Passa o tempo e ela nada de voltar
 Fico tenso dá vontade de gritar
Não dá, não dá, não dá,
Não dá pra esperar
 De manhã ela saiu pra trabalhar
 tô sozinho e o desejo a me rondar
Não dá, não dá, não dá,
Não dá pra esperar
 Seu cheiro no ar, por todo lugar
Seu amor me chama não dá pra esperar
 Se chover ela vai se atrasar
 tantos carros e faróis pra atrapalhar
Não dá, não dá, não dá
Não dá pra esperar
 Ela vai tomar seu banho devagar
 e depois vai preparar nosso jantar
Não dá, não dá, não dá
Não dá pra esperar
 Seu cheiro no ar por todo lugar
Meu amor te chama não dá pra esperar
 De repente o seu olhar no meu olhar
 sobremesa sobre a mesa vai ficar
Não dá, não dá, não dá
 A gente vai se amar
 A gente vai se amar
Não dá pra esperar...

MB 10: BANDA ROUGE. Não dá pra resistir. *In: Rouge!* São Paulo: Sony Music, 2002. CD.

Eu não quero confessar
 Eu sei, não quero me entregar tão fácil
 Mas você chega devagar
 Com esse jeito de me olhar, bem fundo
 E a minha timidez vai embora, eu sei
 Que eu te quero pra mim

Não dá pra resistir
 Ao teu amor
 Você me olha assim
 Baby, eu vou
 Teus beijos só pra mim
 E teu sabor
Não dá pra resistir
 Preciso do seu amor
 (O seu amor, não dá pra resistir)

Nos meus olhos, nos meus olhos
 Minha fantasia é você
 E quando você está aqui
 Tudo o que eu quero é me entregar pra você
 Não quero mais parar

Não dá pra resistir ...

Eu sei
 Que a força desse amor atrai você pra mim
 Eu vou
 Roubar o seu coração
 Com você pura paixão
 É pura paixão

Não dá pra resistir

ANEXO B – OCORRÊNCIA DE IDIOMATIZAÇÃO

O que eu visto
tem que ser
a minha cara,
senão, não dá pé.



MARROCAN®

Fábrica: (051) 547.1030 - Rolante - RS

Fonte: **Revista Atrevida**. São Paulo: Editora Símbolo, n.33, p.49, maio de 1997.

ANEXO C – OCORRÊNCIAS EM JORNAL *ON LINE*

26/07/2007 - 11h21

Equipe brasileira de nado sincronizado termina no 3º lugar na rotina técnica

da **Folha Online**

Assim como aconteceu com o dueto formado por Caroline Hildebrandt e Lara Teixeira, na quarta, a equipe brasileira de nado sincronizado terminou na terceira colocação, nesta quinta-feira, no Parque Aquático Maria Lenk, na disputa da rotina técnica, primeira parte da apresentação. (...)

Lara Teixeira e Caroline Hildebrandt entram na água novamente nesta sexta, para a decisão do dueto na rotina livre. Apesar de as brasileiras estarem atrás das norte-americanas e canadenses a chefe da missão brasileira no nado sincronizado, Mônica de Abreu Rosas, diz estar confiante.

"No estilo livre a gente é um pouco mais forte, dá pra melhorar. De qualquer forma, já temos um lastro grande pra ficar com o bronze", disse Mônica.

26/04/2007

Ao mar

Bilhete de cinema rende volta ao mundo

TELÃO - Filme da Família Schürmann estréia amanhã, mostrando como foi seguir a trilha de Fernão de Magalhães PRISCILA PASTRE-ROSSI

COLABORAÇÃO PARA FOLHA

Conviver com sete pessoas em 44 metros quadrados durante dois anos e meio -com períodos de até duas semanas sem qualquer contato com o mundo externo- pode parecer uma experiência bastante complicada, pouco atraente para a maioria das pessoas. Para a família Schürmann trata-se de algo que deve ser feito pelo resto da vida. Pelo menos, se a experiência for em alto-mar. Foi exatamente nesse espaço e tempo que eles reproduziram a primeira volta ao mundo -realizada pelo navegador português Fernão de Magalhães entre 1519 e 1522. A aventura virou um longa-metragem produzido por David, um dos filhos de Vilfredo e Heloísa Schürmann, filme que tem estréia prevista em cinemas da capital amanhã. Em 92 minutos, "O Mundo em Duas Voltas" mostra os momentos mais marcantes a bordo do veleiro Aysso, que visitou mais de 30 países, percorrendo quatro continentes e três oceanos. Em entrevista à **Folha**, David contou como a viagem foi parar na tela grande e os desafios de filmar em alto-mar.

(...)

FOLHA - Em 891 dias de contato com a natureza, deu para perceber os efeitos do tão comentado "aquecimento global"?

DAVID - Sim, no estreito de Magalhães. Deu pra ver claramente o derretimento das calotas. Pegamos muito sol, um calor que não é normal naquela área.

22/04/2007

AUTOMOBILISMO

Treino em Imola vira duelo entre Alonso e alemão, que tenta hoje superar o número de poles de Senna Por orgulho, campeão bate Schumacher

FÁBIO SEIXAS

ENVIADO ESPECIAL A IMOLA

Era para ser um treino livre, um "amistoso". Mas acabou se transformando em algo bem mais sério, questão de honra. Por uma hora, ontem, em Imola, Fernando Alonso e Michael Schumacher duelaram na segunda sessão livre como se estivessem disputando uma pole position ou uma vitória. Cada vez que um melhorava o tempo, o outro deixava os boxes para superá-lo. (...)

"Foi uma sexta-feira normal. Deu pra perceber que a luta aqui será grande. Acho que a Honda está forte", disse Alonso.

04/07/2006

Para Cicinho, seleção tem que vencer e dar "espetáculo"

EDUARDO VIEIRA DA COSTA

Editor de Esporte da **Folha Online**, em Bergisch Gladbach

Os reservas da seleção brasileira voltaram ao campo de treinamento em Bergisch Gladbach nesta quarta-feira, após a vitória contra Gana nas oitavas-de-final da Copa do Mundo. Na chegada para o treino, Cicinho declarou que a expectativa para os próximos jogos da Copa do Mundo é vencer com um bom futebol. "Nós temos que fazer o gosto dos torcedores, que é fazer um bom futebol e sair vitorioso", disse o lateral reserva. (...)

O atacante Robinho defendeu que o principal é ganhar. "Nosso time quer primeiramente ganhar e passar para as próximas fases, e, se der pra ganhar jogando bem, melhor", disse o atacante, que ia fazer seu primeiro treino depois do tempo de recuperação da lesão na coxa. (...)

25/07/2007 - 15h29

Distância de atletas afugenta público das competições de vela

CLARICE SPITZ

Da **Folha Online**, no Rio

A distância dos atletas e a dificuldade de observar os ídolos afastou o público de assistir às provas de vela na Marina da Glória. Mesmo sem cobrança de ingressos, o esporte atrai público ínfimo, cerca de 20 pessoas.

Para os torcedores, a explicação é simples: sem binóculo, as competições são praticamente invisíveis a olho nu.

O casal formado pela turista baiana Bia Novaes e pelo paulista André Novaes trouxe o pequeno João Pedro, 10 meses, para acompanhar as regatas. Diante da falta de visão, encarava com bom humor as competições. **"Não dá para enxergar muito, mas dá pra ver o visual"**, disse Bia.

A fisioterapeuta Meire Freitas se dizia frustrada com a pouca visibilidade e a falta de conforto. **"Não dá pra enxergar nada, seria bom pelo menos uma arquibancada."** (...)

16/07/2007 - 10h15

Seleção feminina de pólo aquático tenta confirmar recuperação no Pan-2007

da Folha Online

A seleção brasileira feminina de pólo aquático volta a atuar nesta segunda-feira, às 18h, contra Porto Rico, pelo Pan-2007, para confirmar sua recuperação no torneio. Na estréia, no sábado, o Brasil foi derrotado por 5 a 2 pelo Canadá. No domingo a equipe se reabilitou e bateu a Venezuela por 20 a 4.

"[Contra a Venezuela] deu pra notar a diferença de jogo em relação à partida de estréia contra o Canadá. A Venezuela é da escola cubana, de força. Na segunda [hoje] não será tão fácil, pois Porto Rico investiu na preparação para este Pan" disse o treinador brasileiro, Roberto Chiappini. (...)

http://boaforma.abril.com.br/edicoes/235/fechado/eu_consegui/conteudo_557.shtml

"Dá pra ser mãe e ter um corpo legal"

por Marjorie Umeda

"Engordei 18 quilos na minha segunda gravidez. Achei que perderia peso com facilidade, como havia sido da primeira vez, mas que nada. Minha filha completou um ano e ainda havia 11 quilos extras no meu corpo. (...) Hoje visto manequim 36, não tenho celulite e continuo firme no meu programa. O meu conselho é: não desista porque, se eu consegui, você também chega lá."

14/06/2007 - 17h38

Confidências de meninas da Daspu traçam trajetória da profissão

DAYANNE MIKEVIS

da **Folha Online**

Em épocas de São Paulo Fashion Week, a Daspu resolveu aparecer em "novas praias". Desta vez as "meninas" da grife Daspu desfilam suas experiência de vida e profissão nas páginas do livro "As Meninas da Daspu", de Anna Marina Barbará. Vale lembrar que a marca Daspu surgiu como uma crítica em tom de brincadeira à Daslu, complexo que reúne diversas grifes de luxo em São Paulo. (...)

A modelo da capa é Valquíria Pereira da Costa, nascida no Maranhão, ela mora no Rio de Janeiro. "A Daspu foi tudo pra mim. Até porque eu consegui realizar o meu sonho de criança, de ser modelo. Mas quando a idade chegou, eu vi que **não daria mais pra realizar** esse sonho. A minha esperança era a minha filhinha, ainda é... Na Daspu eu estou conseguindo desfilar... Até saí em revista, jornal e tudo.", afirma Valquíria. (...)

11/06/2007 - 02h01

Comentário: Em festa, verdadeiros "donos" da cidade celebram Parada Gay

FABIO RIGOBELLO

da **Folha Online**

O trajeto é em forma de "L". Do início, nas proximidades do prédio da Gazeta, na av. Paulista, descendo a rua da Consolação e chegando até a praça Roosevelt, já no centro de São Paulo, este "L" foi percorrido por mais de 3 milhões de pessoas (segundo estimativa da organização), quase fazendo parecerem pequenas as duas grandes vias que recebem o evento, o maior do ano em São Paulo. (...)

(...) O lema da Parada neste ano foi "Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia". Nos outros dias do ano eu não sei, mas ontem, pelo menos nas imediações da Paulista, Consolação e República, chegando até o Arouche, **deu pra imaginar o planeta assim. E o balanço foi positivo.** (...)

01/11/2001 - 04h01

Análise: Emissora desnuda idiotia do entretenimento

EUGÊNIO BUCCI - Colunista da **Folha**

"Casa dos Artistas", do SBT, explodiu como um atentado terrorista contra a ordem desigual da TV brasileira. Teve média de 20 pontos no Ibope anteontem, com pico de 23, contra 42 da Globo. Liquidou a sofrível liderança da Globo aos domingos e, ao longo das noites da semana, pode corroer os pilares do novelão das oito. A Globo sentiu o golpe e ameaça ir à Justiça.

(...)

A TV brasileira está de pernas para o ar. A Globo, irada, acusa o inimigo de plagiário (e o que não é plágio na TV?). O SBT, com discurso esquerdista, insurge-se contra o monopólio. A TV, como o pessoal da "Casa dos Artistas", está ficando nua. Será que vai dar pra ver o que ela tem por baixo?

07/06/2006 - 18h00

Guga diz se sentir bem e pretende voltas às quadras em julho

da **Folha Online**

O tenista brasileiro Gustavo Kuerten pode voltar às quadras no próximo mês. O catarinense está no Rio em fase de recuperação de uma contusão no quadril e faz tratamento com o fisioterapeuta Nilton Petrone, o Filé.

(...)

"Ainda não tenho uma data exata para voltar, mas deve ser até o final de julho. Daqui a umas duas, três semanas vai dar pra saber. Mas, o importante, é que estou me sentindo bem, feliz com o trabalho que a gente está fazendo e sentindo uma evolução a cada dia", continuou o tenista. (...)

30/05/2007 - 14h05

Luxemburgo minimiza força caseira e viradas do Grêmio

da **Folha Online**

O bom retrospecto do Grêmio no estádio Olímpico e as viradas recentes dos gaúchos jogando em casa não preocupam o técnico do Santos, Vanderlei Luxemburgo. As duas equipes fazem nesta quarta-feira, em Porto Alegre, o primeiro jogo da semifinal brasileira da Taça Libertadores.

Para o treinador, o adversário deve ser respeitado, mas o time da Vila Belmiro não pode se recuar e renunciar ao ataque. "Temos que jogar, não dá pra vir aqui e ficar apenas defendendo. Nós respeitamos o time do Grêmio, mas na hora em que estivermos com a bola precisamos jogar", disse o treinador. (...)

"Não vejo vantagem para nenhuma das equipes. O importante é que são dois grandes times, e quem passar para a final vai representar muito bem o Brasil e terá condições de vencer o campeonato", afirmou Luxemburgo, que se recusou a falar em um resultado "ideal" para a primeira partida da semifinal. "Temos de jogar dois jogos. Qualquer coisa que acontecer no primeiro, dá para reverter no segundo. Não vamos decidir nada aqui, não se define a classificação neste jogo", conclui o treinador.

24/05/2007 - 00h47

Leia entrevista com Gore Verbinski, diretor de "Piratas do Caribe"

TETÉ RIBEIRO - Especial para a **Folha de S.Paulo**, em Los Angeles

(...)

Folha - E o Keith Richards, foi um problema?

Verbinski - Não chegou a ser um problema, mas ele não se comportou nada bem. A gente já esperava por isso e se divertia com tudo, mas eu não esperava que ele fosse tão dispersivo. O maior problema é que ele não fica parado nenhum minuto, então a gente ensaiava a cena, fazia as marcas e, quando eu dizia ação, um segundo depois, ele estava em um lugar completamente diferente, brincando com o macaco, mexendo nos objetos de cena ou cheirando uma planta exótica. Ele é um pirata de verdade, assim que ele chegou à locação, deu pra perceber que o resto dos atores todos estavam fingindo, ele não.

16/05/2007 - 18h05

Grau de investimento virá quando PIB alcançar 5%, diz Mantega

PATRÍCIA ZIMMERMANN, da **Folha Online**, em Brasília

O ministro Guido Mantega (Fazenda) comemorou nesta quarta-feira a elevação do "rating" do Brasil pela agência de classificação de risco a Standard & Poor's --na semana passada, a Fitch Ratings já havia aumentado seu indicador. (...) Ao responder se a cotação atrapalha ou ajuda, o ministro disse que "gostaria de comer o omelete sem quebrar os ovos". "Mas não dá pra imaginar um país com uma economia mais sólida com uma moeda desvalorizada", diz Mantega. Ele afirmou que, neste momento, a desvalorização do real não atrapalha a economia. (...)